UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
CAMPUS DO SERTÃO (SEDE) / DELMIRO GOUVEIA-AL
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

CLEBER JÚNIOR BARBOZA ALVES

TERRITORIALIDADES GEOSSIMBÓLICAS TEMPORÁRIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO: A FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM PARICONHA-AL

DELMIRO GOUVEIA -AL
2024

CLEBER JÚNIOR BARBOZA ALVES

TERRITORIALIDADES GEOSSIMBÓLICAS TEMPORÁRIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO: A FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM PARICONHA-AL

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito para a obtenção do título de conclusão.

Orientador: Prof. Me. Kleber Costa da Silva

DELMIRO GOUVEIA-AL

2024

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

A474t Alves, Cleber Júnior Barboza
Territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano: a festa do sagrado coração de jesus em Pariconha – AL / Cleber Júnior Barboza Alves. – 2024.
96 f. : il.

Orientação: Kleber Costa da Silva.
Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Geografia humana. 2. Território. 3. Espaço público urbano. 4. Festa do sagrado coração de Jesus. 5. Pariconha – Alagoas. 6. Território cultural. 7. Manifestação cultural I. Silva, Kleber Costa da, orient. II. Título.

CDU: 911.3

FOLHA DE AVALIAÇÃO

CLEBER JÚNIOR BARBOZA ALVES

TERRITORIALIDADES GEOSSIMBÓLICAS TEMPORÁRIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO: A FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM PARICONHA-AL

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura – submetida ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, e aprovada em 12 de março de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Me Kleber Costa da Silva, UFAL (Orientador)

Profa. Dra. Francisca Maria Teixeira Vasconcelos,
Campus do Sertão, UFAL (Examinadora Interna)

Prof. Me. Thiego da Silva Barros
(Examinador Externo)

*“...**Sois meu refúgio e minha cidadela, meu Deus, em quem eu confio. ”***

(Salmos 91,2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, nas três pessoas na Santíssima Trindade, por todo encorajamento, discernimento, sabedoria, paciência, fortaleza, cuidado, por me levantar em todas às vezes que pensei em fraquejar ou desistir, e por cumprir o que diz em Salmos 91; 15: “Quando me invocar, Eu o atenderei; na tribulação estarei com ele.”.

A Nossa Senhora, sob o título de N. Sr.ª das Graças, por me escolher durante esse período e sempre me acolher como filho em seu colo maternal, por segurar em minha mão e me conduzir a seu filho Jesus. Como já falava Santa Teresa dos Andes: “A Virgem Maria foi minha companheira inseparável.”.

Aos meus amigos no céu (Santos de Deus), São José, Santa Teresinha, São Miguel, São Padre Pio, Monsenhor Jonas Abib, por estarem sempre a interceder por mim a Jesus, e me socorrerem nos piores momentos do processo.

Agradeço de forma especial e dedico todo meu esforço para a execução desse trabalho ao meu avô Zé Nogueira *(In memoriam*), pois, mesmo não estando mais entre nós foi a minha maior motivação para finalização desse ciclo. Amo-te Vô!

Aos meus pais, Joceli e Cleber, por todo incentivo, cuidado e preocupação, e mesmo não tendo a mesma oportunidade que a minha, sempre me incentivaram a continuar e não deixar de sonhar. Amo vocês!

A minha família Biológica, em nome das minhas avós: Celina e Lia. A minha família Espiritual (RCC), em nome do G.O, por todo apoio, incentivo, conversas, partilhas, fortalecimento, encorajamento e orações.

A minha namorada Taivane, que chegou há tão pouco tempo e segurou essa barra junto comigo, se preocupou, me incentivou, e sempre me motivou a não desistir. Amo-te!

Aos meus amigos externos a universidade, representados aqui por Duda, Maiara Barros, Joice (Tia), Gisele, Elâine, Ayrla, Tia Pérola, (os demais

que participaram do processo, sintam-se citados), por todo apoio incentivo, parceria, e paciência em me ouvirem falando desse TCC inúmeras vezes.

Aos meus colegas de turma, que se tornaram amigos, e permaneceram comigo até o fim, representados aqui por Juliana, Grazielle, Anderson, Daysi, Rejane, (os demais se sintam mencionados), pela força, preocupação e inúmeras partilhas, com vocês tudo se tornou mais leve. Eterna Gratidão!

Aos amigos que estudaram comigo e por algum motivo ficaram pelo caminho, aqui representados por Maria Alice, (os demais se sintam mencionados), pela amizade, por sonharmos juntos. Torço muito por vocês!

Aos professores da UFAL que tiveram grande contribuição nesse processo de formação aqui cito: Suana, Flávia, Francisca, Victor, Bijagó, Lilian, por todo incentivo, apoio e por sempre acreditarem em mim. Agradeço também a toda equipe de apoio da UFAL, pelo zelo e recepção. Vocês também fazem parte desse processo.

Agradeço e dedico também este trabalho a Nina Cacique *(In memoriam*), esta que foi cacique da minha etnia (Katokinn), sempre foi e é para nós, sinônimo de luta e resistência.

Aos que contribuíram para a realização dessa pesquisa, Dona Lia, Seu Hosano, pela entrevista e esclarecimentos. Ao Senhor Antônio de Branca (*In memoriam*) e Seu Atenor (*In memoriam*), por contribuir com o histórico do nosso município, qual agradeço aos familiares por disponibilizarem informações.

Por fim, mas não menos importante, deixo aqui os meus agradecimentos ao meu orientador, o Professor Kleber Silva, por toda paciência, compreensão, incentivo e preocupação. Seus “puxões de orelhas” foram essências nesse processo. Obrigado por tudo!

A mim mesmo, por não ter desistido e lutado até o fim, por ter acreditado em mim, em minha capacidade e determinação, por ser resiliente e por acreditar nas promessas do Senhor. Pois, assim como fala Santa Teresa d’Ávila: *“É justo que muito custe o que muito vale.”.*

RESUMO

O presente trabalho apresenta as territorialidades temporárias no espaço público urbano desenvolvidas na cidade de Pariconha-AL, utiliza reflexões de autores como Rosendahl (1996, 1999, 2011 e 2018) e Corrêa (2007 e 2011). O mesmo possui como objetivo identificar e interpretar as territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano na festa do Sagrado Coração de Jesus. Justifica-se pelo anseio de compreender e interpretar um espaço onde acontece uma manifestação cultural, que por sua vez, é considerada um dos cartões postais da cidade, buscando analisar não somente a realização da manifestação cultural religiosa, mas, todas as suas simbologias e ocupações estratégicas dentro do território cultural. Como base metodológica, o trabalho contou com cinco etapas: a) levantamento de arcabouço teórico que teve como autores principais; Corrêa (2007 e 2011), Rosendahl (1996, 1999, 2011 e 2018), Lima (2019), Narciso (2009), Silva (2020), Lima (2012), Saquet (2010) e Lima (2014); b) pesquisa de campo para análise e vivência da realidade; c) pesquisa documental; d) entrevistas e aplicações de questionários; e) verificação e organização dos dados obtidos. Através disso, identifica-se que a festa do Sagrado Coração de Jesus não é frequentada apenas por pessoas da cidade local, mas também das cidades circunvizinhas e até de outros estados, variando o uso do espaço de pessoa para pessoa, e juntas vão moldando o espaço de acordo com as suas necessidades. Identifica-se ainda, que a festa do padroeiro se debruça em dois espaços (o sagrado e o profano) onde são construídas pelos próprios frequentantes (agentes sociais) as territorialidades geossimbólicas, que são utilizadas por meio do valor de uso e em alguns casos por meio valor de troca, desenvolvendo elementos simbólicos que caracterizam diferentes expressões culturais, e, juntas consolidam a manifestação cultural em um todo. Com isso, o trabalho possui grande potencial de contribuição para o território cultural, destacando forte importância tanto para o município como para toda a população, no qual realiza um levantamento histórico-cultural e suscita o interesse das pessoas de outras regiões em conhecer a cidade e a manifestação cultural religiosa. Este traz grande contribuição também no meio acadêmico voltado a produção geográfica e aguça a prática e o desejo da pesquisa científica.

Palavras Chaves: espaço; espaço público; manifestação cultural; território cultural; territorialidades.

ABSTRACT

This work presents the temporary territorialities in urban public space developed in the city of Pariconha-AL, using reflections from authors such as Rosendahl (1996, 1999, 2011 and 2018) and Corrêa (2007 and 2011). It aims to identify and interpret temporary geosymbolic territorialities in the use of urban public space on the feast of the Sacred Heart of Jesus. It is justified by the desire to understand and interpret a space where a cultural manifestation takes place, which in turn, is considered one of the city's postcards, seeking to analyze not only the realization of the religious cultural manifestation, but all its symbols and occupations. strategies within the cultural territory. As a methodological basis, the work had five stages: a) survey of the theoretical framework of which the main authors were; Corrêa (2007 and 2011), Rosendahl (1996, 1999, 2011 and 2018), Lima (2019), Narciso (2009), Silva (2020), Lima (2012), Saquet (2010) and Lima (2014); b) field research to analyze and experience reality; c) documentary research; d) interviews and questionnaires; e) verification and organization of the data obtained. Through this, it is identified that the feast of the Sacred Heart of Jesus is not only attended by people from the local city, but also from surrounding cities and even other states, the use of the space varying from person to person, and together they shape the space according to your needs. It is also identified that the patron saint's festival focuses on two spaces (the sacred and the profane) where geosymbolic territorialities are constructed by the attendees themselves (social agents), which are used through use value and in some cases through exchange value, developing symbolic elements that characterize different cultural expressions, and together consolidate the cultural manifestation into a whole. Therefore, the work has great potential to contribute to the cultural territory, highlighting strong importance both for the municipality and for the entire population, in which it carries out a historical-cultural survey and arouses the interest of people from other regions in getting to know the city and religious cultural manifestation. This also makes a great contribution to the academic world focused on geographic production and sharpens the practice and desire for scientific research.

Keywords: space; public place; cultural manifestation; cultural territory; territorialities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização da cidade de Pariconha 36
Figura 2 – Cidade de Pariconha via satélite 37
Figura 3 – Pariconha nos anos 70 39
Figura 4 – Reunião com o governador de Alagoas da época, Fernando Collor de Mello 40
Figura 5 – Pariconha em dias atuais 42
Figura 6 – Igreja Matriz após a reforma 43
Figura 7 – Altar da Igreja Matriz 44
Figura 8 – Realização da festa do Sagrado Coração de Jesus 47
Figura 9 – Programação da Festa do Sagrado Coração de Jesus 2017 49
Figura 10 – Noite de novenário na Festa do Sagrado Coração de Jesus 50
Figura 11 – Rua de Pariconha no período dos festejos 51
Figura 12 – Momento da celebração solene 51
Figura 13 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus 54
Figura 14 – Celebração da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus 55
Figura 15 – Procissão do Sagrado Coração de Jesus 55
Figura 16 – Cortejo acompanhando a Imagem do Sagrado Coração de Jesus 56
Figura 17 – Festa de Rua; festejos ao Sagrado Coração de Jesus 57
Figura 18 – Pessoas utilizando a frente da igreja para realização da festa de rua 57
Figura 19 – Praça de alimentação; festejos do Sagrado Coração de Jesus 58
Figura 20 – Parque de diversões; festejos do Sagrado Coração de Jesus 58
Figura 21 – Espaço ocupado por parque de diversões, ao redor da igreja 59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Localização de residência dos agentes sociais 61
Quadro 2 – Frequência dos agentes sociais nos festejos 61
Quadro 3 – Público que freqüenta os festejos 62
Quadro 4 – Meio de transporte utilizado para chegar aos festejos 63
Quadro 5 – Espaços de maior utilização na festa do padroeiro 64
Quadro 6 – Espaços utilizados na festa do padroeiro 65
Quadro 7 – Principais elementos simbólicos que caracterizam a festa do padroeiro 68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Local de residência dos agentes sociais..... 61
Gráfico 2 – Frequência de participação nos festejos..... 62
Gráfico 3 – Público de freqüência nos festejos 63
Gráfico 4 – Meios de transportes utilizados pelos agentes sociais para chegar aos festejos 64
Gráfico 5 – Espaços utilizados na festa do padroeiro 65
Gráfico 6 – Espaços de maior utilização dentro do território cultural..... 66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

2 LEVANTAMENTO TEÓRICO..... 17

2.1 GEOGRAFIA SIMBÓLICA 17

2.2 TERRITORIALIDADES E TERRITORIALIZAÇÕES SIMBÓLICAS..... 21

2.3 ESPAÇOS SAGRADOS E ESPAÇOS PROFANOS..... 24

2.4 ESPAÇO PÚBLICO..... 29

3 A CONSOLIDAÇÃO DA FESTA DO SAGRADO CORAÇÃODE JESUS EM PARICONHA-AL 36

3.1 O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA CIDADE DE PARICONHA – AL 36

3.2 A FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM PARICONHA-AL 43

4 TERRITORIALIDADES GEOSSIMBÓLICASTEMPORÁRIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO 53

4.1 TERRITORIALIDADES GEOSSIMBÓLICAS TEMPORÁRIAS JUNTA À FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS..... 53

4.2 INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DE USOS DO ESPAÇO PÚBLICO DECORRENTES DA FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS 59

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 69

6 APÊNDICE 72

7 ANEXOS..... 79

8 REFERÊNCIAS 94

1 INTRODUÇÃO

Por meio desta pesquisa, que recebe por título "*Territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano: a festa do Sagrado Coração de Jesus em Pariconha-AL",* busca-se interpretar como se apresentam as territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano na festa do Sagrado Coração de Jesus em Pariconha-AL, com intuito de compreender como a manifestação cultual interfere no espaço público da cidade.

Considera-se o fato de que a cultura é um conjunto de elementos praticados e consolidados por grupos sociais em um determinado espaço territorial. Ela muda o contexto desses grupos através de interações socioculturais decorrentes no mesmo. Deste modo, esta pesquisa nasce do anseio de, além de compreender, conhecer cada vez mais um espaço que se encontra como um dos cartões postais da cidade. Surgindo a curiosidade em interpretá-lo, não apenas como manifestação cultural religiosa, mas também todas as simbologias que acarreta em si, além da ocupação estratégica de um determinado espaço para sua execução.

O objetivo geral visa identificar e interpretar as territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano decorrentes da manifestação cultural em Pariconha-AL. E pretende, através dos objetivos específicos: apreciar aportes teórico-conceituais sobre geografia simbólica, territorialidades e territorializações simbólicas, espaços sagrados, espaços profanos e espaços públicos; investigar sobre o desenvolvimento histórico da cidade de Pariconha e da festa do Sagrado Coração de Jesus; mapear usos do espaço público relativos à festa do Sagrado Coração de Jesus; conferir narrativas de agentes sociais relevantes e desenvolver apreciação crítica sobre o fenômeno religioso no espaço público.

Assim, a pesquisa se torna de extrema importância, pois possibilita um conhecimento mais amplo e concreto sobre a realidade de um povo e de uma cidade, possuindo dados verdadeiros e obtidos através da vivência e do contato real. Além de se tornar importante teoricamente, uma vez que faz o uso de várias teorias, a qual fomenta não apenas como uma pesquisa empírica,

mas uma pesquisa científica, que possui bases teóricas e concretas aplicadas na realidade. Possui importância empírica, por ter contato direto com os indivíduos que ali habitam ou circundam, baseando-se em experiências e vivências, através de uma coleta de dados realizada em diálogos com os mesmos.

Dessa maneira, este trabalho abarca não apenas uma reconstrução sobre tais fatores, mas também um levantamento real da manifestação cultural na cidade, trazendo ainda, registros atualizados sobre o tema que consequentemente irão servir para aqueles que sentirem interesse ou curiosidade em explorar estes aspectos.

A respeito do percurso metodológico, a pesquisa possui como categorias centrais o Espaço e o Território, e engloba a compreensão de conceitos como: Geografia Simbólica; Territorialidades e Territorializações Simbólicas; Espaço Público; Espaços Sagrados e Espaços Profanos. Entre os principais teóricos, se destacam Corrêa (2007 e 2011), Rosendahl (1996, 1999, 2011 e 2018), Lima (2019), Narciso (2009), Silva (2020), Lima (2012), Saquet (2010) e Lima (2014).

Nesse sentido, na metodologia foi utilizada a pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas, aplicação questionários e a vivência, que foram de extrema relevância para a compreensão do fenômeno cultural não apenas por meio da visão do pesquisador, mas por meio daqueles que vivenciam anualmente a manifestação cultural.

Desse modo, para uma melhor compreensão, esse trabalho foi estruturado em três capítulos: o primeiro capítulo teve como objetivo desenvolver pressupostos teórico-conceituais direcionados à geografia simbólica, territorialidades e territorializações simbólicas, espaços sagrados, espaços profanos e espaço público, com o uso de bases bibliográficas para sua execução.

O segundo capítulo traz a consolidação da festa do Sagrado Coração de Jesus em Pariconha, apresentando o desenvolvimento histórico da cidade e da festa do Sagrado Coração de Jesus. Utiliza-se, para tal, entrevistas, vivência, coleta de imagens e pesquisa documental.

Já o terceiro capítulo realiza uma análise das territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano, e apresenta as

territorialidades geossimbólicas temporárias junto à festa do Sagrado Coração de Jesus. Em seguida, faz-se uma interpretação crítica de usos do espaço público decorrentes dos festejos. Para o desenvolvimento desse capítulo utiliza-se toda a base teórica já apresentada, questionários e a visão crítica-interpretativa mediante a vivência na manifestação cultural por meio da pesquisa de campo.

A decisão em utilizar a pesquisa-participante para desenvolver esse trabalho se dá pelo entendimento de que a geografia está presente em todas as áreas e espaços sociais, que precisam, muitas vezes, ser identificados, interpretados e compreendidos em sua totalidade. As manifestações culturais estão presentes em todo o contexto social, porém, perdem a sua importância aos olhos da sociedade, por ter seus aspectos inseridos no cotidiano social. Por isso, é necessário um olhar aguçado em relação a sua execução, despertando o interesse, o cultivo e a preservação da identidade cultural existente nos mesmos.

Com isso, esse trabalho desenvolve o interesse na produção do conhecimento geográfico e possibilita o exercício e a prática ao executar o senso crítico interpretativo direcionado às relações socioespaciais. Através da sua execução, visa-se colaborar para um despertar no levante de reflexões direcionadas à pesquisa e ao ensino, contribuindo de forma positiva para uma futura atuação da docência na Licenciatura em Geografia.

2 LEVANTAMENTO TEÓRICO

Na tentativa de compreender como se dá a organização espacial por meio de elementos que estão nitidamente presentes no processo de modelagem e apropriação da manifestação cultural no espaço, busca-se, neste primeiro capítulo, fazer um breve levantamento teórico de conceitos pertinentes e presentes no processo de desenvolvimento da manifestação cultural no espaço.

Em vista disso, serão apresentados reflexões e diálogos de autores que discorrem conceitos como: Geografia Simbólica; Territorialidades e Territorializações Simbólicas; Espaços Sagrados; Espaços Profanos e Espaços Públicos. Conceitos esses que irão nortear a análise e a compreensão de como proceder ao desenvolvimento e à organização espacial por meio dos aspectos culturais ali existentes e como são definidos esses conceitos.

2.1 Geografia Simbólica

Com o objetivo de refletir a respeito do conceito de Geografia Simbólica e de como ela está inserida no espaço, através de uma perspectiva geográfica, será esquematizada neste fragmento, uma linha histórica que busca compreender o surgimento desse conceito e a sua inserção como objeto de estudo na geografia.

Com as constantes mudanças nas perspectivas de leituras do mundo, a modernidade passou a não suprir as necessidades das formas de pensar a geografia. Com isso, surge a urgência de mudanças das perspectivas interpretativas espaciais que são apresentadas, por alguns autores, como os da pós-modernidade. Consequentemente, esse novo modo de pensar a geografia traz consigo novas interpretações, que se baseiam através de uma ótica pós-moderna.

Seguindo essa perspectiva, Lemos (1999, p.30) explica que essa forma de interpretação, baseada na pós-modernidade, nega o universalismo e a generalização, que, por sua vez, eram aspectos chaves da modernização. Priorizando, assim, chegar aos conhecimentos por outros meios, que na

maioria das vezes, fogem da razão e estão voltados a aspectos como sentimentos, inspirações e indeterminações.

Dessa forma, a pós-modernidade na geografia nos leva a interpretar e visualizar o mundo através de uma perspectiva simbólica que valoriza tanto as questões inerentes à simbologia, quanto à subjetividade. De acordo com Lemos (1999, p.33), com a visão pós-moderna inserida na geografia abre-se a oportunidade de interpretar a relação sociedade e natureza, levando em consideração crenças, costumes, valores, símbolos, narrativas e emoções, sem que sejam rotulados como senso comum ou simplesmente como campos que não são relevantes para a ciência.

Seguindo esse raciocínio, Nigro (2010, p.56) afirma que não seria nada fácil abarcar dentro da geografia essas novas dimensões, portanto, não se dava, na maioria das vezes, tanta importância como mereciam. Assim, somente a partir dos anos de 1970 essas dimensões passam a compor efetivamente as áreas de estudos geográficos, sendo resultado de uma Renovação na Geografia e trazendo consigo novos elementos que se tornaram essenciais para análise e interpretação da produção social do espaço.

Essa renovação desencadeada na geografia é resultante das transformações na forma de pensar e interpretar o espaço. Em razão disso, surge em meio a várias transições, a Geografia Humanista que, de acordo com Nigro (2010, p.65),

> Procura retomar algumas características fundamentais do humanismo como a subjetividade do saber, que fará com que o espaço seja visto como um campo de representações simbólicas, carregado de significações e marcado pela vivência e afetividade.

Sendo assim, a Geografia Humanista desenvolve, em seu contexto, diversos outros campos de análises espaciais e busca enfatizar, em seu método interpretativo, a simbologia, observando o espaço como um berço de representações simbólicas, que se concretizam por meio de valores, tradições, crenças, vivências e relações afetivas que são consolidadas dentro de determinado espaço, dando-lhe sentido.

Além disso, outra dimensão de grande importância para leitura de um mundo simbólico desenvolve-se por volta dos anos de 1980, e é intitulada por Nova Geografia Cultural. Nigro (2010, p.68), explica que a nova geografia

cultural mantém vínculos com a geografia cultural clássica, porém, se abre a novas perspectivas de análise, mas não exclui os elementos que a geografia clássica tem em seu âmbito de estudo, pelo contrário, há um acréscimo de saberes, recebendo como base influências fenomenológicas.

Desde então, através dessas contribuições implementadas na Geografia Renovada, a geografia vem recebendo novos olhares e desencadeando novas interpretações a respeito da identidade geográfica. Surge, assim, um olhar interpretativo voltado a diversos fenômenos, em especial para a cultura, que fornece novas referências para a geografia cultural e nos leva a compreender como ela se concretiza no espaço. De acordo com Zippinotti (2014, p.23),

> A reinterpretação a respeito da noção de cultura traz um arcabouço de referências novas e fundamentais para a geografia cultural renovada, diferenciando-a deste modo das antigas abordagens culturais na geografia. Não se trata mais do estudo da cultura baseando-se prioritariamente em seus conteúdos materiais, mas reconhecê-la ligada fundamentalmente a um sistema de representações, significados e valores criados socialmente que se manifestam de forma espacial.

Sendo a cultura um conjunto de elementos internalizados em determinado espaço através das relações sociais, após as novas concepções para com a geografia cultural, não é considerado somente apenas os seus elementos materiais, mas também, elementos imateriais (simbólicos), levando-se em consideração valores, crenças, rituais, hábitos, relações espaciais e o imaginário. Elementos que não são palpáveis, mas que concretizam a cultura em determinado espaço.

Levando isso em consideração, Zippinotti (2014, p.22), afirma ainda que, “A cultura passa a ser interpretada enquanto uma entidade social, sendo, reflexo e meio da própria sociedade.”. Com isso, é perceptível que a própria sociedade é responsável por produzir e concretizar a cultura no espaço, criando, para isso, formas simbólicas, materiais ou não, que, por sua vez, são representações da realidade. Corrêa (2007, p.15) afirma que,

> As formas simbólicas espaciais estão dispersas pela superfície terrestre, sugerindo a força das representações que os homens constroem a respeito de diversas facetas da vida, envolvendo o passado, o presente e o futuro, as diferenças e a igualdade e o poder, a celebração e a contestação e a memorização.

Com isso, compreende-se que as formas simbólicas espaciais não estão privadas a um único período, elas se dão em diversos momentos, como por

meio da construção do homem, apresentando características existentes que representam o passado, futuro e o presente, sejam perceptíveis aos olhos, memorialísticas ou simbólicas.

Direcionando um olhar a uma espécie de “construção” a quem é designado a um indivíduo, Coriolano (2001, p.208), explica que o homem é visto como um ser simbólico, de maneira que sua relação com o mundo será sempre revestida de significações e valores, sendo mediadas pelo significado ou por uma perspectiva simbólica, abarcando desde a sua linguagem, pensamento e comportamento, mediante ao espaço de vivência. Assim, o homem se torna agente principal na construção simbólica espacial, construindo-a através do seu estilo de vida e comportamento social.

Ao fazer uma análise, Marconi e Presotto (2009, p.31), elucidam que a simbolização permite que o homem transmita seu conhecimento adquirido por gerações, e isso resguarda valores que são essenciais para a construção da cultura e sociedade. Desse modo, o homem através da simbolização é responsável por construir a sua própria sociedade, ofertando aspectos inerentes a sua somatização de valores, suas concepções de religiosidade, de crenças e suas perspectivas de mundo, o que possibilita uma espécie de moldagem do seu próprio espaço.

À vista disso, Isnard (1982) *apud* Corrêa (1995, p.10), diz que o espaço geográfico é um campo rico de representações simbólicas repleto de signos, que expressam as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões. E faz com que os símbolos sejam vistos como elementos essenciais para a construção da identidade desses espaços. É nessa perspectiva, que se pode relacionar o homem como construtor espacial e simbólico, moldando-o de acordo com suas essências e vivências.

Assim, a geografia simbólica surge de inquietações e necessidades a respeito da interpretação espacial, tornou-se um aspecto de grande importância para a compreensão da mobilidade social. Sendo o homem caracterizado como um ser simbólico e denominado como um dos principais responsáveis por construir as representações simbólicas no espaço, através de suas crenças, valores, vivências e afetividades. Por isso, é possível afirmar que ele é responsável por construir o seu próprio espaço, a sua própria sociedade.

Com isso, sendo a geografia detentora do estudo das ações sociais e interações do indivíduo ao meio, também se debruça aos estudos das simbologias que se tornam de suma importância para a compreensão da consolidação da cultural nos espaços, tornando-se elementos de grande importância para compreender as modificações espaciais e como as representações são imprescindíveis para a construção e efetivação das relações entre a sociedade e natureza.

2.2 Territorialidades e territorializações simbólicas

Com o intuito de desencadear uma reflexão a respeito do que vem a ser territorialidades e territorializações simbólicas, faz-se necessário, antes de tudo, apresentar de onde surgem essas expressões teóricas utilizadas para diversas e abrangentes análises e interpretações espaciais. Assim, o conceito de território se torna base essencial para entendermos os demais conceitos.

Segundo as reflexões de Fuini (2017, p. 23), nota-se que o território não apenas se define, mas se compreende de acordo com todo o processo histórico e socioespacial, que promove diversas e diferentes visões, que dependem de quem está a interpretá-lo. De um lado teremos uma visão materialista baseada em teorias naturais, econômicas e jurídico-políticas, do outro lado, uma visão idealista, voltada a apropriações simbólicas do espaço, que constroem uma identidade e possuem uma visão integradora, as quais reúnem todas as dimensões e definem o território através de relações de poder, tornando-se âmbito de práticas de grupos sociais.

Na visão de Santos (2015, p. 19), observamos o seguinte:

> Para analisar determinado território deve-se primeiramente observar quem exerce poder sob este mesmo território, pois este é produzido e consumido através das relações sociais e, quando essas relações se materializam e enraízam-se, criam-se as territorialidades.

Dessa forma, entende-se o território como um berço das relações sociais, que é consolidado e moldado de acordo com modificações desenvolvidas através daqueles que nele habitam. Pode-se dizer que o território está sempre em constante modificação. Entende-se ainda, que apesar de existir diferentes visões a respeito de interpretação territorial, de acordo com

Santos (2015, p. 20), faz-se preciso não visualizar o território de forma fragmentada, em partes, mas visualizá-lo através de um único conjunto, de forma que seja indissociável de diferentes relações de poder.

Levando isso em consideração, Rosendahl (2018, p 30) diz que

> Territorialidades, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. É nessa poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre o espaço.

Diante dessa afirmativa, levanta-se um olhar direcionado para as territorialidades como fragmentos dentro do próprio território, que ganham forma, sentido e vida, por meio da vivência e interação dos grupos sociais, visto que, as territorialidades podem ser de caráter material ou imaterial e variam de acordo com o sentido que o grupo lhes impõe. Segundo Rosendahl (2018, p. 338), as territorialidades podem ser compreendidas ainda, como uma ação individual de cada grupo social dentro de dado território, possuindo como objetivo principal controlar pessoas, fenômenos e relações, garantindo o controle de áreas espaciais específicas.

Assim, Saquet (2011, p. 77-78) *apud* Carvalho (2014, p.61), aborda as territorialidades dividindo-as em quatro níveis que se relacionam uns com os outros formando um todo. Dessa forma, o primeiro nível está voltado às relações sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, nós, desigualdades e conflitualidades, o segundo nível é visto como apropriação de determinado espaço geográfico, de forma concreta e simbolicamente, implicando dominações e delimitações que podem ser precisas ou não, o terceiro nível está direcionado a comportamentos, intencionalidades, desejos e necessidades e, por fim, o quarto nível que está ligado a práticas espaciotemporais, multidimensionais, que se efetivam através das relações sociedade-natureza.

Considerando isso e chegando a uma compreensão conceitual do que vem a ser territorialidades e como elas se concretizam no espaço, em determinado território, automaticamente somos direcionados a refletir e visualizar como surgem as territorializações simbólicas e como essas vão ganhando espaço no território.

Diante disso, Lima (2019, p. 160), vai dizer que “A territorialização é (i) material [...], com aspectos gerais ligados ao movimento de reprodução da sociedade e da natureza e com elementos específicos de cada lugar, grupo

social, etnia, período, momento.”. Assim, é possível entender que mais uma vez as relações sociais ganham ênfase nesse processo de internalização e construção dentro do território por meio do simbolismo imaterialidade, ou seja, aquilo que não é palpável e nem visto aos nossos olhos e carregam consigo uma subjetividade construída individualmente por cada grupo social.

Saquet (2010, p. 163) afirma que

> Os elementos principais da territorialização também estão presentes na desterritorialização: há perda, mas há reconstrução da identidade; mudança de relações de poder, de vizinhança, de amigos, de novas relações sociais, de elementos culturais, que são reterritorializados, há redes de circulação e comunicação, que substantivam a desterritorialização, o movimento, a mobilidade.

É perceptível que, no processo de concretização da territorialização em determinado espaço, o simbolismo imaterial está diretamente presente em um todo. Há, desta forma, troca de valores, construção de identidades, afetividade, narrativas, e isso se dá principalmente através das relações sociais, que possibilitam uma modificação socioespacial. Dentro do processo de desterritorialização (sentido de retirada, sair de determinado lugar, ou área), e reterritorialização (chegada e adaptação em um novo espaço, enraizar-se em uma nova área), por exemplo, podem-se analisar essas características através do movimento de circulação, no qual o indivíduo ao se deslocar de um determinado ponto e se realocar em outro ponto, carrega consigo tais subjetividades no processo de territorialização.

A partir das reflexões de Saquet (2010, p. 164), as territorializações são marcadas diretamente e evidentemente pelo movimento que é provocado por meio das relações sociais, que concretizam e produzem determinado espaço. Ofertando ainda, às territorialidades uma visão que vai além da relação de poder político, das relações simbólicas socioespaciais, mas, ao mesmo tempo, possui relação com processos econômicos direcionados aos agentes sociais.

Nessa perspectiva, em suas análises, Bonnemaison (1981, p.251) *apud* Rosendal (2011, p.187), elucida que a cultura é um dos fatores principais para a concretização de um determinado território e, por meio disso, são fortalecidas e fecundadas relações simbólicas que permeiam entre a cultura e o espaço. Relações essas, que possuem como principal mediador os agentes sociais que desenvolvem e consolidam as territorializações simbólicas em determinado espaço.

É notável que os agentes sociais são de extrema importância para a concretude, tanto das territorialidades como das territorializações em meio ao território. Diante disso, pode-se reafirmar através das reflexões de Saquet (2010, p.162), quando ele relata que “O território só se efetiva quando os indivíduos são e estão em relação com os outros indivíduos.”. Então, percebe-se que são através das relações socioespaciais que estes agentes/indivíduos conseguem esbanjar todo um simbolismo e uma subjetividade através de vivências cotidianas, por meio de práticas, crenças, valores, narrativas, impressões e hábitos, que são desenvolvidos através das suas próprias relações e das relações com determinado território.

Com isso, é possível dizer que essa simbolização resultante desse processo de relações socioespaciais pode ser de cunho material ou imaterial, mas que, de certa forma, independente de qual seja a sua classificação, internalizam-se no território, agregando a esse processo sentido, forma, identidade e diversas percepções de análises e interpretações.

2.3 Espaços sagrados e espaços profanos

Com a compreensão da importante contribuição da Geografia Cultural para análise simbólica espacial e como os símbolos estão diretamente ligados à construção de um determinado espaço, chegamos a uma nova vertente de análise dentro da Geografia Cultural que é denominada Geografia da Religião.

De acordo com Rosendahl (1996. p. 11), a religião é uma temática que vem ganhando grande ênfase no Brasil por meio das ciências sociais, porém, nota-se que há uma pequena busca dessa temática por aqueles que estudam as ciências geográficas, tendo em vista que essa temática acarreta consigo grande importância para a análise geográfica. Em uma primeira impressão, pode-se levantar um questionamento da relação existente entre a Geografia e a Religião, tentando muitas vezes buscar disparidades em ambas, mas ao analisarmos a fundo, percebemos que as práticas sociais as unem e tem, como principal intermediador, o homem, ativo em uma construção social.

A partir disso, Filho (2012, p. 11), afirma em seus estudos que, em um primeiro momento a Geografia da Religião foi estruturada por organizadores da igreja, condicionados a parâmetros teológicos e não geográficos. Mas, ao

passar do tempo, essa perspectiva analítica foi ganhando forma, passando a analisar as interações espaciais provocadas por diferentes culturas sociais religiosas em determinados ambientes. Dessa maneira, em meados de 1970, o tema religião ganhou contribuições e mais ênfase. Agora, com uma abordagem fenomenológica, ganhou concepções do sagrado e do profano.

Diante disso, Filho (2012, p. 12), apresenta duas abordagens nos estudos da religião. A primeira abordagem é a Geografia Religiosa, que analisa a influência da religião na vida do homem e da humanidade, com um olhar voltado para a teologia e cosmologia. A segunda abordagem, a que buscamos refletir aqui, é a Geografia da Religião, esta busca analisar as interações da geografia, religião, sociedade, cultura e o espaço.

Assim, perceberemos em estudos de Rosendahl (2011. p.187), que as pesquisas sobre religião na perspectiva da Geografia Cultural apontam em seu contexto base dois pontos norteadores que nos direcionam a uma análise espacial mais precisa: o sagrado e o profano. É diante disso, que se frisa mais uma vez a existência de um simbolismo espacial agregando a si outros valores que relacionam a sociedade e o espaço.

Por meio disso, faz-se necessário apresentar uma base conceitual do que vem a ser o sagrado e o profano, para que assim, possamos compreender como esse conceito é aplicado dentro do espaço por meio das múltiplas interações sociais, envolvendo o homem, o território, a cultura e a religião. Nesses espaços, encontraremos frequentes aspectos simbólicos, apresentados em formas materiais ou imateriais que, por sua vez, dá sentido e constrói um espaço cultural.

Bonnemaison (1981, p. 251) *apud* Rosendahl (2011. p.187), apresenta que “é pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece a se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”. Nota-se a grande importância da cultura para a consolidação de um dado território e, é através das suas relações, das suas subjetividades e materialidades que se concretizam os aspectos simbólicos existentes entre a cultura e o espaço, produzindo, assim, através das suas inter-relações, um espaço baseado em relações socioculturais.

Nesse sentido, Rosendahl (1996. p. 39), afirma em seus estudos que “É possível reconhecer o sagrado, não como aspecto de paisagem, mas como

elemento de produção do espaço.”. Desse modo, o reconhecimento e compreensão daquilo que vem ser visto e considerado como sagrado, dentro de um determinado espaço, se dará através de interpretações de resultados inerentes a produção social que são desenvolvidas dentro de determinados espaços.

Rosendahl (2011. p. 187), apresenta, ainda, que “O conceito de sagrado e sua representação simbólica remete-nos, inevitavelmente, à perspectiva do poder mantido e produzido pela comunidade em suas territorialidades religiosas ou quase sagradas”. Nota-se que, o que dá sentido ao espaço sagrado são os próprios agentes sociais, estes que, através de sua cultura e religiosidade, desenvolvem dentro do espaço ou de um dado território, uma espécie de subjetividade, de apropriação, de identidade e materialização. Assim, por meio de elementos sejam eles materiais ou imateriais, proporcionam ao espaço uma sacralidade, que pode ser perceptível ou não, mas que concretiza, materializa e dá sentido aquele espaço, chamado de religioso.

Rosendahl (1996, p.30), afirma que

> O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre a sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade.

Compreende-se o espaço como um campo propício para que haja a concretização da religiosidade, onde o agente social, ou seja, o homem religioso, oportuna a este espaço algo que está como base em sua existência, algo que é mantido como sua crença, é por meio disso, que o espaço se torna base para que sejam impermeados os símbolos, os mitos e os ritos, que por sua vez, quando aplicados no espaço, exercem e concretizam a sacralidade no mesmo. Desse modo, faz-se necessário que o homem utilize o espaço como uma espécie de elo entre: o homem, a divindade e o mundo terreno.

Assim, Rosendahl (1996. p. 30), retrata que há uma necessidade do homem religioso buscar viver diretamente ligado a uma espécie de atmosfera do sagrado, resultando na constante tentativa de uma construção do sagrado dentro do espaço habitado. Dessa maneira, pode-se chegar a uma conclusão de que o homem religioso tem uma visão de mundo, como um mundo sagrado.

Fazendo com que, tudo que esteja em sua volta, tudo que esteja ao seu alcance se herde também essa sacralidade.

Com isso, de acordo com Rosendahl (1999. p.234-235), podemos identificar que o espaço sagrado não se apresenta obrigatoriamente em um território definido, mas pode ser analisado através de duas percepções: o espaço sagrado fixo e o espaço sagrado não fixo. O espaço sagrado fixo recebe este nome por possuir lugar real de localização, por se apresentar fixamente delimitado em determinada localidade. Já o espaço sagrado não fixo recebe esse nome por ser móvel, apresentar uma mobilidade na sua concretização, variar em temporalidade e localidade, porém, esse espaço ganha sentido através da sua simbolização material e ritualidade, que gera transformações simbólicas por onde passa.

Rosendahl (1996. p. 27), afirma, ainda, que o sagrado, quando agregado em um espaço, manifesta-se em uma realidade, mesmo que indiretamente, diferente daquela realidade vivida no cotidiano. De modo que há algo novo, algo sobrenatural, algo extraordinário, que pode ser compreendido, sentido e interpretado pelo próprio agente social que está ali no processo de construção, execução e materialização do espaço que vem a ser sagrado.

Através da explanação do que é o Espaço Sagrado, passamos a compreender que “A reflexão sobre o sagrado envolve a consideração do profano” (ROSENDAHL, 2011, p. 27). Assim, chega-se à conclusão de que não tem como falar de Espaço Sagrado sem ao menos pensar, visualizar e tentar compreender o seu oposto que é o Espaço profano. Em uma primeira visão, podemos retratar de forma simples a diferença entre ambos. Enquanto o Espaço Sagrado está ligado à divindade, sacralidade e a espiritualidade como base em seu processo de identificação, o Espaço Profano é totalmente oposto a isso, totalmente desvinculado dessa visão, mesmo que muitas vezes se apresente muito próximo ou até mesmo dentro de seu campo de atuação, mas há um determinado elemento que está contido em ambos: é a interação dos agentes sociais e da cultura em determinados espaços.

Deste modo, Rosendahl (1999, p.231), apresenta diferenças e relações existentes em ambos, de forma que,

> O sagrado se apresenta absolutamente diferente do profano, isto é, o primeiro relaciona-se a uma divindade e o segundo, não. A palavra

> sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo as divindades de outras experiências que não envolve, consideradas profanas.

Entende-se que as duas classificações dos espaços têm como base o território que se torna campo de produção e recepção das interações existentes entre o homem (agente social) e a cultura. O que classifica esse território como Espaço Sagrado ou Profano é a significância que o homem o oferece em meio a sua prática cultural religiosa, na qual, através de suas experiências e interrelações com uma divindade, trará uma sacralidade a esse espaço e, quando essa relação é inexistente, esse espaço não é visto como sagrado, mas como profano, ou seja, desprovido do divino.

Diante disso, a partir de Rosendahl (1999. p. 239) pode-se conceituar o espaço profano como aquele que não há sacralidade, mas que estrategicamente se encontra muito próximo ao espaço sagrado e pode ser visto como diretamente, indiretamente ou remotamente ligado a ele. Assim, quando está diretamente ligado ao sagrado, apresenta forte ligação com as atividades religiosas. Quando se encontra indiretamente ligado ao sagrado está voltado a ações daqueles que frequentam o espaço sagrado e dão sentido ao mesmo, por exemplo, quando se assimila elementos laser próximo ao espaço sagrado como parte ou consequência dele. E remotamente vinculado através de elementos que independem totalmente ou parcialmente do sagrado para acontecerem ou se concretizarem.

Nota-se que na maioria das vezes o próprio Espaço Sagrado se torna responsável pela existência e desenvolvimento do Espaço Profano e isso se dá por meio das relações existentes entre ambos. Isso porque na maioria das realidades, o Espaço Profano se encontra muito próximo ao sagrado, fazendo com que os agentes que frequentam o sagrado criem territorialidades no profano, mesmo que não haja vínculos entre ambos.

Seguindo essa perspectiva, Rosendahl (1996. p. 81) apresenta o Espaço Profano como aquele que está próximo ao sagrado e desenvolvem relações com ele, seja de forma direta ou não, fomentando interações em realidades totalmente diferentes. Assim, utilizam-se das relações socioespaciais para organizarem um determinado espaço, no entanto, diferem-se no requisito valor, identidade e sentido atribuído ao espaço.

Diante de tudo isso, Filho (2012, p.16) caracteriza o Espaço Sagrado e Profano da seguinte maneira:

> [...] o sagrado e o profano seriam duas modalidades de existência assumidas pelo homem na sua história. São, pois, maneiras de ser no mundo e nos cosmos e, por isso, a referência do sagrado posiciona o ser humano diante da sua própria existência, razão pela qual, de modo abrangente, a reflexão sobre o sagrado interessa tanto às ciências humanas como à filosofia.

Percebe-se que a concretização do Espaço Sagrado e do Profano depende inteiramente da importância, da significância e do valor atribuído pelo agente social, o homem, referente à sua própria história, à sua própria existência, tornando essas concepções de Espaços como maneiras de ser e de ver o mundo, de acordo com a sua vivência e valores atribuídos. Diante disso, entende-se que essa reflexão está ganhando diversas áreas de estudos, ajudando a melhor compreendermos sua inserção no espaço em que habitamos.

Desse modo, podemos compreender através das reflexões de Resendahl (1996 p. 32) que o Espaço Sagrado e o Espaço Profano, sempre apresentarão um vínculo a um determinado espaço social. De modo que a organização atribuída a esse espaço dependerá da distribuição desenvolvida por meio do sagrado e do profano, nos fazendo compreender que é o sagrado através de sua concretização espacial que delimita e possibilita a existência e inserção do profano em dado espaço.

Portanto, é notório que o ser humano se apresenta mais uma vez como principal responsável e articulador de uma organização atribuída ao espaço e isso se dá através de interações socioculturais, que atribuem significado, simbologia e identidade a um dado espaço geográfico, moldando-o de acordo com suas necessidades, valores, impressões, signos, crenças, hábitos e concepções. De forma que o espaço se torna um campo receptor de relações socioespaciais e se constitui por meio de resultados dessas relações.

2.4 Espaço público

Através da leitura dos tópicos anteriores, é perceptível quanto o espaço acarreta consigo grande importância no âmbito social, isso se dá através da

forma que é visto, usado e interpretado. Assim, o espaço se torna elemento crucial para a realização das relações socioculturais, de maneira que a sociedade faz uso de acordo com as suas necessidades, disseminando aspectos como: valores, culturas, economias, identidades, costumes e símbolos.

Com isso, faz-se necessário compreender, de forma breve, do que se trata a concepção de espaço no âmbito geográfico. Dessa maneira, observa-se que para chegar à concepção atual, a categoria de espaço trilhou um longo caminho dentro dos paradigmas da geografia. Desde a não valorização da categoria nas ciências geográficas, até a compreensão da sua importância e necessidade para a concepção das relações sociais.

Diante disso, o espaço vai ganhando diversas interpretações e visões que diferem de paradigma para paradigma, mas é a partir de 1970, de acordo com Corrêa (2011, p. 26) que “o espaço é concebido com locus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade”. Isso nos leva a entender o espaço como resultado das relações sociais que, por sua vez, o modelam de acordo com as suas interações e necessidades, tornando-o semelhante as suas concepções de sociedades.

Lima (2014, p. 21) afirma o seguinte:

> Para tanto, ao tratar de “espaço geográfico” e sua produção, remetemo-nos a construção existente a partir de uma lógica sociocultural, um espaço sendo reproduzido a cada instante. Assim, o espaço geográfico pode ser visto como parte de um todo, onde as relações sociais são responsáveis pelo construto de novos elementos no espaço natural.

Desse modo, podemos compreender que o espaço, ou melhor, o “espaço geográfico” é desenvolvido através da funcionalidade das relações socioculturais, podendo ser produzido, reproduzido e modificado constantemente de acordo com os moldes da sociedade. Sendo ainda, classificado como uma fragmentação de um todo, de maneira que as relações socioculturais são responsáveis por construir e dar sentido ao mesmo.

Ainda de acordo com as reflexões de Lima (2014, p. 21), podemos chegar a uma conclusão de que o espaço pode ser caracterizado como uma espécie de somatização de elementos existentes no meio social, no qual são

resultantes da produção de relações socioespaciais e naturais, associadas de algum modo com o dia-a-dia dos indivíduos de uma determinada sociedade.

Assim, Lima (2014, p. 21) afirma ainda que

> É na perspectiva de espaço geográfico como produção da sociedade em que as relações sociais possibilitam a produção de novos espaços e, na reconfiguração dos já existentes, a partir de certa intencionalidade (necessidade do indivíduo) que, ao longo do tempo, foram desenvolvidas determinadas técnicas, essas são repensadas juntamente com conhecimentos herdados por costumes, crenças, culturas, tradições de povos ancestrais, e formuladas com auxílio de novas técnicas.

Diante dessa concepção de espaço geográfico, como resultado da produção social, é visto que através dessas relações há desenvolvimento e construção de outros espaços, podendo ser chamados de “novos espaços”, que possibilitam a reconfiguração ou reconstrução daqueles espaços já existentes que, a partir de agora, vão sendo modificados por essas relações sociais e acontecem de acordo com as necessidades dos indivíduos, abarcando também, nesse contexto, subjetividades como costumes, crenças, culturas, tradições. Todas adaptadas e formuladas de acordo com as novas técnicas de construção social que, por sua vez, são impostas pelo próprio indivíduo.

Com isso, tendo compreendido de forma breve a concepção geral de espaço, iremos nos direcionar a concepção de um desses “novos espaços” que são desenvolvidos pela própria sociedade, dentro do “espaço geográfico”. Voltaremos o nosso olhar para os espaços públicos, esses que são essenciais para a compreensão das relações socioculturais.

De acordo com Lima (2014, p. 29-30), o espaço público, em sua essência, possui relação direta entre as interações decorrentes do indivíduo e o meio. É através dessas relações que se desenvolve um elo de pertencimento entre eles, permitindo relações que não se limitam a restrições, represálias ou algum tipo de desconforto. Assim, o indivíduo se torna livre para desencadear as suas relações no meio em que vive, deixando nele a sua essência e impressões.

Diante do exposto, ao direcionarmos um olhar geográfico para o espaço público, de acordo Gomes (2006, p. 172) se faz necessário, portanto,

> Considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro lado, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. Ele passa então a ser visto como um conjunto indissociáveis das formas com as práticas sociais. É justamente sob esse ângulo que a noção de espaço público pode vir a se constituir em uma categoria de análise geográfica.

Nessa direção, o espaço público apresenta em sua essência duas particularidades. De um lado, uma configuração física que está relacionada e materialidade e a existência real e material do espaço público de forma física, de outro, está a configuração das práticas sociais que se relaciona com as impressões, valores, culturas e relações desenvolvidas pela sociedade dentro do espaço, algo mais voltado a subjetividade. Dessa maneira, são indissociáveis no processo de interpretação e análise do espaço público e na sua construção como categoria de análise geográfica.

Podemos apresentar aqui, de forma fundamentada, essas duas visões na análise do espaço público: a forma física e a de representações das práticas socioculturais. Com isso, Gomes (2016, p.162), exibe o espaço público por uma óptica de análise na forma física, retratando que ele se apresenta, antes de tudo, como lugares acessíveis, sem nenhum impedimento ou obstáculo de acesso da participação social. Entre eles, cita-se a praça, a rua, o shopping, a praia, ou qualquer outro tipo de espaço que não viole esse parâmetro da interação social de forma direta.

Por outro lado, Narciso (2009, p.267), aborda uma outra visão de espaço público, dessa vez, através da configuração das práticas sociais, assim podemos identificar que:

> O espaço público constitui ou deveria constituir uma fonte de representação pessoal, cultural e social, pois trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais que constituem uma sociedade.

Diante disso, podemos perceber o quanto as práticas socioculturais se tornam de extrema importância dentro do espaço público, pois há uma troca de simbologias e concretude em sua construção. Não se trata apenas de algo físico (material), mas também do subjetivo (imaterial). Desse modo, nota-se que o espaço público, nesta visão, se apresenta como produto resultante das inter-relações existentes nos parâmetros sociais.

Nesse sentido, seguindo as reflexões de Narciso (2009, p. 266-267), teremos uma visão desse espaço, intitulado de espaço público, como um importante elemento no processo de identificação social, que possui relação com o lugar e se manifesta também por meio de simbologias que são expressas por meio dos agentes sociais, apresentando-se como mediador de socializações e possibilidades de encontros e manifestações decorrentes dos grupos sociais, culturais e políticos existentes no âmbito social das cidades.

Levando isso em consideração, Silva (2020, p. 15) apresenta o espaço público como:

> Uma ambiência e uma circunstância geográfica necessária ao acontecer dos encontros sociais com os quais apresentam e expressam as intencionalidades dos sujeitos e as suas ações em relação ao desenvolvimento do cotidiano econômico, cultural, político e social.

Sendo o espaço público esse ambiente e meio geográfico necessário para o acontecimento dos encontros sociais, percebe-se que há uma grande intencionalidade por parte dos agentes sociais que ali habitam, de maneira que deixam como marcas naquele espaço as suas impressões nos âmbitos econômicos, culturais, políticos e sociais, moldando e consolidando o espaço de acordo com seus ideais. Assim, isso nos leva a perceber que, “é o espaço púbico o lugar do acontecimento social e cultural em realização mais pura e comum a todos os envolvidos” (SILVA, 2020, p. 133).

Entende-se que o espaço se torna um campo receptor, não apenas das práticas sociais, mas também das culturais, que torna possíveis relações socioculturais que abarcam e envolvem a todos os indivíduos que estão no processo de construção e interação com aquele determinado espaço. Ainda de acordo com Silva (2020, p. 134), esse espaço chamado de público, por meio das relações socioculturais, passa a conter símbolos e imagens que acarretam consigo a identidade das pessoas que ali frequêntam e sendo resultado do que ali buscam, fica nítido como marcas naquele espaço os seus sentidos e impressões de vida, suas crenças e valores.

Segundo Silva (2020, p. 22), uma das características que estruturam o cotidiano do uso dos espaços públicos são as interações socioeconômicas, estas que vão além dos encontros, das interações sociais e outras motivações, podendo também acarretar uma valorização dos que ali frequêntam para tal

finalidade. É essencial que esse espaço não seja visto ou utilizado apenas como espaço de construção de uma identidade, mas também seja visto como um espaço que traz consigo um valor de troca, no qual o indivíduo utiliza dessa atmosfera com uma finalidade lucrativa.

Ainda de acordo com Silva (2020, p.92),

> Os usos sociais do espaço público, então decorrentes ou ligados a essas interdependências, legam imagens que representam espaços impactados pelas preferências de usos, grau de confiança e pelos papéis e interesses dos envolvidos (economia, simbólico-cultural, política, emoção, estética etc.).

É entendido que os espaços públicos são reflexos dessas relações sociais, independentes de quais sejam, assim se apresentam como espaços literalmente impactados e modificados, por meio das necessidades de uso dos agentes sociais, que depositam ali suas impressões, atribuições e interesses próprios. Esses elementos são nitidamente distribuídos por meio das diversas expressões sociais, entre elas: a economia, a cultura, a política, a emoção, a estética e diversas outras características das práticas sociais.

Diante disso, Silva (2020, p.17) continua a expressar em suas reflexões que

> Imaginar um espaço público é conferir a situação espacial, bem como as transformações e os valores inerentes às praças, às calçadas e às vias, principalmente, apesar de que o espaço público acontece de diversas outras formas.

Assim, busca-se entender como se compõe e se organiza o espaço público, com o olhar voltado para a situação espacial, e a visualização de como ela se caracteriza e como é sistematizada ou modelada por agentes sociais. É necessário que possamos observar as atribuições, por meio das funcionalidades, valores e intencionalidades que são empenhadas pelos agentes sociais a esses espaços e a tudo que o compõe na ordem material (praças, calçadas, vias). É preciso notar que o desenvolvimento de um espaço público acontece de várias formas, situações e ópticas; esse papel de modelagem ou atribuição de sentidos resultantes das relações socioculturais ali desenvolvidas.

Matos (2010, p. 20) *apud* (SILVA, 2014, p. 31) afirma que “O espaço público é de todos e de ninguém em particular, em princípio, todos o podem usar com os mesmos direitos.”. Com isso, compreendemos o quanto o espaço

público é propício para as interações sociais, de modo que todos os que desejarem, podem interagir nele com direitos iguais, assim, deixando suas marcas, impressões, valores, particularidades, elementos culturais, singularidades, sentidos, emoções e simbologias. É possível, ainda, o utilizar como valor de troca ao adaptar o seu uso para suas necessidades e interesses próprios.

Por fim, vale ressaltar a grande importância do entendimento de funcionalidade e sistematização dos espaços públicos, tornando-se um dos elementos cruciais para a compreensão e análise de uma dada sociedade. Em síntese, compreender os resultados inerentes à produção dos agentes sociais pode intervir ou facilitar o desenvolvimento das práticas socioculturais no meio em que vivemos.

3 A CONSOLIDAÇÃO DA FESTA DO SAGRADO CORAÇÃODE JESUS EM PARICONHA-AL

O arcabouço teórico visto anteriormente que direcionará uma análise interpretativa da festa do Sagrado Coração de Jesus, se faz necessário, agora, apresentar como se consolida esse evento, fazendo um paralelo desde a sua primeira execução até os dias atuais.

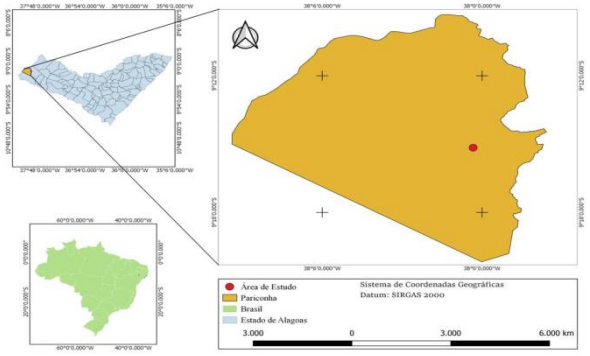
Em um primeiro momento será apresentado o desenvolvimento histórico da cidade de Pariconha-AL, desde os seus primeiros habitantes, sua emancipação até os dias atuais. Logo após, será exposto o surgimento, mudanças e a estrutura da festa do Sagrado Coração de Jesus, buscando mostrar a sua importância para o fortalecimento histórico e cultural da cidade.

3.1 O desenvolvimento histórico da cidade de Pariconha – AL

Localizada no nordeste brasileiro, especificamente no sertão do Estado de Alagoas, a cidade de Pariconha, segundo as informações contidas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conta com aproximadamente 10.573 habitantes (censo 2022), e possui uma área territorial de 254,719 km². Sua história começa a se desenvolver em meados do século XIX, e conta em seu percurso com uma diversidade cultural e grandes lutas que se estendem até conseguir o seu título de emancipação e se tornar a cidade conhecida nos dias atuais.

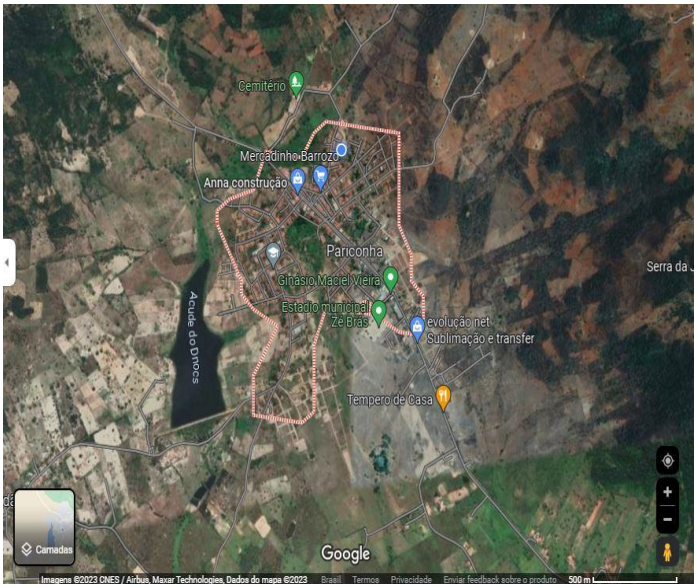
Nas *Figuras 01 e 02* será possível identificar geograficamente a localização da cidade, que ocasionará uma melhor compreensão das reflexões desencadeada neste tópico:

Figura 1 – Mapa de localização da cidade de Pariconha



Fonte: o autor, (2023)

Figura 2 – Cidade de Pariconha via satélite



Fonte: Google Maps (Imagens de satélite). Acesso em: 28 de setembro de 2023.

De acordo com Santos [s.d.] (Anexo 01 e 02), em meados de 1790, Teodósio Arnaldo de Souza, nascido na encosta das serras do Tingui, passa a frequentar as serras de Tacaratu, em Pernambuco, em busca de uma namorada. Ao passar pela região e visualizar muitas águas doces e salgadas, imaginava ali uma boa morada, ao se apaixonar de uma índia daquela região, decidiu morar naquela localidade, onde denominou como Fazenda Grande, e ambos tiveram 12 filhos.

Ainda segundo os escritos de Santos [s.d.] (Anexo 02, 03 e 04), com a emancipação de Mata Grande em 1837, a Fazenda Grande passou a fazer parte daquela região, e Teodósio comprou uma patente no qual foi nomeado coronel. Anos depois, Teodósio chegou a falecer e um dos seus filhos, Mecias de Souza Passos, assumiu a Fazenda Grande, que passou a ser chamada de Cambão Furado.

Santos [s.d.] (Anexo 05) ainda relata que, no ano de 1877 houve uma grande seca em todo o Nordeste, e os indígenas vinham até a localidade em busca de sobrevivência, saindo da serra de Tacaratu, em Pernambuco, e se destinado a Cambão Furado. Sabendo que na região havia muito ouricurizeiro[1];

[1] Espécie de palmeira típica da caatinga.

já era de costume em outras secas buscarem refúgio na localidade para se alimentarem, assim o faziam.

Santos [s.d.] (Anexo 06 e 07) cita que, no Cambão Furado havia uma igrejinha de Santo Antônio, na qual era ponto de encontro dos indígenas para retornarem para aldeia. Nesse trajeto, as índias sempre iam à frente, ao chegarem à igreja, viam que do lado tinha dois pés de ouricurizeiro, onde o chão estava lastrado de ouricuri[2], então as índias começaram a quebrar coco de ouricuri fazendo várias conhas[3] no chão. Quando os demais indígenas chegaram apontaram para os pés de ouricuri e para a quantidade de conhas no chão, e começaram a gritar "pari, pari, conha, conha" admirados com a fartura. Ao analisar a linguagem indígena identificou-se que o pé de ouricurizeiro era denominado por "Pé de Pari", e desde então, a localidade passou a ser chamada de Pariconha.

Santos [s.d.] (Anexo 07) diz que, mais tarde, com a morte de Teodósio, seus filhos privatizaram a fazenda e passaram a vender os terrenos. A fazenda começou a crescer, e a maioria dos filhos de Teodósio foi morar na Fazenda Grande, deixando descendestes nos povoados.

Além disso, Santos [s.d.] (Anexo 08,09 e 10) ainda cita que, em 1875, Água Branca se desmembrou de Mata Grande. Anos depois, ao adquirir vários benéficos em infraestrutura, Pariconha já com condições de ser uma cidade, surgiu o anseio de emancipação sendo idealizada por José Correia de Souza.

Entre as grandes contribuições da família Teodósio houve também contribuições de outras famílias, são elas: Vieira, Viana e Félix, que ao longo da história participaram do processo de desenvolvimento daquela região. Segundo Santos [s.d.] (Anexo 11), por volta de 1960 o deputado Cicero Fernandes Torres proporcionou grandes contribuições a Pariconha, fazendo-a ganhar visibilidade, subindo a categoria de distrito de Água Branca.

[2] Fruto do ouricurizeiro, espécie de palmeira típica da caatinga.
[3] Poupa do Ouricuri.

Figura 3 – Pariconha nos anos 70

Fonte: Comunidade do *Facebook* “Pariconha Viva”. Acesso em 25 de setembro de 2023.

Levando isso em consideração, Souza (2018) *apud* Silva (2019, p. 10) observa o seguinte:

> A emancipação de Pariconha se deu em dois tempos, sabe?...”Pra poder primeiro criar o município. Ai a primeira briga foi pra poder criar o distrito de Pariconha (Barulho ao fundo). Foi uma briga terrível! Estranhava muito com o pessoal de Água Branca, que era os coronéis que mandavam em tudo aqui! Que é a família Torres!

Nota-se que desde o início o processo em busca de uma emancipação, de uma independência da cidade de Pariconha decorre de muitas lutas. Confrontos esses que foram desencadeados por parte da população local, que buscavam o desenvolvimento e a não dependência de Pariconha, já que a mesma sofria uma opressão do regime militar da época e contava com um avanço tanto em infraestrutura como populacional. Assim, sendo essa luta desencadeada por José Correia, ele passa a buscar mediante a lei, apoio e seguridade para conquistarem a tão almejada emancipação.

Após um período de grandes lutas, Silva (2019. p. 10) aponta que

> O distrito judiciário de Pariconha foi criado em 01 de maio de 1962, recebendo assim através lei 2.240, de 01 de maio de 1962, a categoria de Distrito de Pariconha. A mesma lei criou o Cartório de Registro Civil, que só foi instalado em 1972 [...]. Após quase três décadas de sua instalação como distrito e de muitas promessas de transformar o então povoado em município, a luta por emancipação foi alavancada novamente. Em um boletim informativo de 21 de junho de 1987, os membros do comitê pró-emancipação escrevem encorajando a população.

Com a incansável luta, e cheios de diversas promessas por parte daqueles que estavam nos trâmites de legalização emancipatória, anos depois alavanca-se mais uma vez a luta pela emancipação com mais integrantes, e sendo encorajados a não desistirem e lutarem por tal sonho, que era almejado por todos. Assim, Barros (2019) *apud* Silva (2019 p.11) discorre que:

> Após 26 anos, é no ano de 1987 aproximadamente, é um novo grupo é alavancou novamente essa ideia da emancipação política, encabeçada por Zé Correia, Cícero Ramos, chama conhecido por Cabo Ciço era um policial da época, Gilberto, e Paulo Andrade, entre outros, aqui de Pariconha, e eles começaram a fazer novamente esse movimento. É passado mais ou menos dois anos eles conseguiram marcar uma audiência no Palácio (Barulho de moto) dos Martírios, com o governador Fernando Collor de Mello para tratar do assunto. O governador então pediu que se fizesse um censo da população Pariconha, e também um plebiscito para saber se realmente era isso que a população queria, feito isso, eles retornaram ao Palácio e o governador então, assinou o processo de emancipação política Pariconha, bom eles iam pra Maceió na época dessas audiências, ia muitagente. Dois,três D20, e eles comemoraram muito na chegada, mas após 5 dias, eles receberam a notícia que Pariconha não era mais cidade. Porque, entraram com uma liminar na justiça, alegando que o número de habitantes não era suficiente nem o exigido por lei para que um local passasse a ser cidade.

Figura 4 – Reunião com o governador de Alagoas da época, Fernando Collor de Mello

Fonte: Comunidade do *Facebook* “Pariconha Viva”. Acesso em 25 de setembro de 2023.

Um dos grandes obstáculos enfrentados por aqueles que buscavam desvincular Pariconha de Água Branca, foram as derrubadas de liminares que garantia a emancipação, chegando a acontecer por várias vezes, por mais que alcançassem um resultado positivo, dias depois se chegava a notícia que aquela situação tinha sido revertida. Desse modo, segundo as pesquisas realizadas por Silva (2019 p. 13), a emancipação de Pariconha da cidade de Água branca ocorre em 5 de outubro de 1989, mas devido as liminares que revogaram tal decisão, por alegrem que Pariconha não tinha um percentual de habitantes suficiente para se tornar uma cidade, foi necessário adaptar o processo mesmo já constando na Constituição do Estado.

Diante disso, Silva (2019 p.14-15) menciona que

> Somente em 1992, quando é marcada uma nova audiência, com o governador Geraldo Bulhões, é que finalmente, o político dos Torres que nesse período era presidente da Assembleia Legislativa assinou favorável, através de um acordo. Os pariconhenses votavam no candidato dos Torres e em troca teriam sua permissão para se emancipar politicamente. Devido 14 ao poder político que detinham, os membros do comitê aceitaram o acordo, Pariconha só recebe a emancipação definitiva em 07/04/1992, quando o projeto é aprovado pela Assembleia Legislativa de Alagoas.

Assim, depois de tantas lutas, idas e vindas à Maceió, finalmente Pariconha conquista a sua emancipação da cidade de Água Branca. Depois de acordos políticos que acabaram conquistando a aprovação dos membros do comitê, assinando assim definitivamente o projeto na Assembleia Legislativa de Alagoas. Com a conquista da emancipação, de acordo com Santos [s.d.] (Anexo 12), no dia 07 de abril de 1992, dia da emancipação de Pariconha, foi nomeado também o primeiro prefeito, o Senhor José Correia, o qual foi o primeiro idealizador dessa luta.

Vale ressaltar que, uns dos motivos principais que alavancaram a luta por uma emancipação surgem das grades repressões por meio do regime político militar vigente na época, que despertou um desejo de autonomia para a população. Diante disso, Silva (2019 p.16) apresenta que

> Os atos propagados pela Ditadura Militar faziam surgir nos cidadãos de Pariconha um desejo por mudança na política a qual eram submetidos, na qual lutavam em busca de autonomia política, algo que não possuíam. Os fatos relatados se refletem nas cidades alagoanas e que tal regime calcado na centralização política, no autoritarismo ditatorial e militar é uma característica que também se reflete no governo ao qual Pariconha pertencia, a cidade de Água Branca e seus chefes políticos “os Torres”. Como os ideais surgidos

> em Pariconha são derivados das lutas militantes que não aceitavam tais regimes e buscavam divisão de poder político e econômico, a democratização dos direitos, a regularização dos movimentos sindicais e sociais.

Assim, o desejo por uma emancipação era cada vez maior, uma incansável busca por autonomia e com grande objetivo de se livrar daquela opressão, foi o que motivou a luta por emancipação. Após irem contra o governo local e decidem iniciar um enfrentamento no qual colocaria de uma vez por todas um fim nas barbaridades que vinham enfrentando.

Figura 5 – Pariconha em dias atuais

Fonte: Enciclopédia dos municípios de Alagoas[4]

Com isso, Pariconha até os dias atuais carrega como base a luta e resistência de um povo que lutam diariamente para seu progresso. A cidade que possui grandes riquezas em sua formação histórica e cultural, conta hoje com uma diversidade cultural, onde atualmente dispõe, em seu território, elementos de grandes riquezas que formam o cartão postal da cidade, contando com comunidades indígenas (Jeripankó, Katokinn e Karuazú), comunidades quilombolas (quilombo Sítio Rolas, quilombo Alto das Capelas, quilombo Malhada Vermelha, quilombo Burnil), e a Festa do Sagrado Coração de Jesus que, por sua vez, é uma manifestação religiosa, que se torna uma das datas mais esperadas do ano, movimentando o fluxo econômico e cultural da cidade.

[4] Disponível em: https://enciclope diasgazeta.com.br/enciclopedia-municipios-de-alagoas/sertaoalagoano/ pariconha/. Acesso em: 25 de setembro de 2023.

3.2 A festa do Sagrado Coração de Jesus em Pariconha-AL

Configurada com um dos cartões postais da cidade de Pariconha, a festa do Sagrado Coração de Jesus apresenta suas primeiras características no início do processo de formação histórica da cidade. Atualmente, após sofrer algumas modificações desde a sua execução inicial, é um dos eventos culturais mais esperados da cidade, mudando todo o fluxo econômico e cultural dela, em seu período de realização.

De acordo com os relatos de Santos [s.d.] (Anexo 13), a primeira igreja construída em Pariconha foi através da Beata Maria, decorrente de doações ofertadas pelos fiéis, onde construiu uma pequena igreja, para que assim pudesse ensinar o catecismo e o cristianismo para o povo daquela localidade. Assim se intitulou como padroeiro Santo Antônio de Lisboa que foi trazido do Juazeiro do Padre Cícero no Ceará.

Encontramos nos escritos (Anexo 14) de Santos [s.d.], que aproveitando essas doações, Joana de Joaquina Teodósio casada com Manoel Braga, construiu outra igreja de Santo Antônio, dessa vez, no local mais povoado no próprio terreno de Santo Antônio, depois fizeram uma no mesmo terreno conhecida mais tarde como casa do Padre.

Anos depois, a igreja ganha mais uma reforma, mudando a sua estrutura física, e por seguinte o seu padroeiro, onde podemos visualizar essa modificação por meio da *Figura 06*;

Figura 6 – Igreja Matriz após a reforma

Fonte: Rádio Jornal web. Acesso em 25 de setembro de 2023.

Dessa forma, Santos [s.d.] cita em seus relatos (Anexo 15), que anos mais tarde, após a morte de Joana Braga e Manoel Braga, Lucas Ferreira de

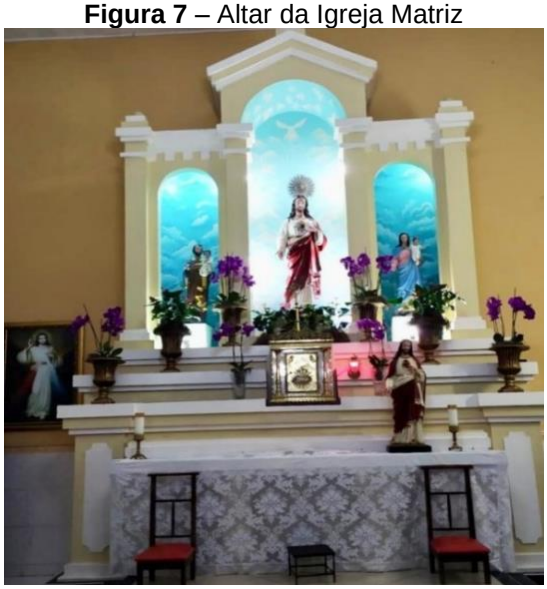
Araújo (conhecido por Lucas Tomaz), seu genro, tomou conta da igreja, resolvendo mandar pedir esmolas para crescer a igreja de Santo Antônio. A igreja antiga ficou dentro da igreja nova, nos fundos, o altar foi aproveitado, e a outra ficou servindo de sacristia. A igreja passou a ser administrada por Lucas Ferreira de Araújo, o mesmo muda o padroeiro de Santo Antônio para o Sagrado Coração de Jesus, mudando também os festejos de junho para outubro.

Em busca de uma melhor compreensão sobre a construção histórica, mudanças temporais e atualidade da Festa do Sagrado Coração de Jesus, buscou-se desencadear um diálogo com alguns atores sociais que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento dos festejos. Contou-se, ainda, com impressões obtidas por meio de experiência prática e observação crítica da organização dos mesmos.

Em meio aos diálogos com alguns dos atores sociais, pode-se confirmar o que Santos [s.d.] apresenta em seus escritos. Assim, é possível entender o real motivo da mudança de padroeiro da época, Santo Antônio, para o padroeiro atual, o Sagrado Coração de Jesus, “Porque antigamente o padroeiro daqui era Santo Antônio, mas como ficava perto da Várzea do Pico, e já tinha o padroeiro de lá... aí o padre mudou para o Coração de Jesus... [...]” (LIMA, 2023).

Com a mudança do padroeiro, ocorre também a mudança da imagem central do altar onde se pode visualizar na *Figura 07*:

Figura 7 – Altar da Igreja Matriz



Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 14 de novembro de 2022

Diante disso, são perceptíveis as grandes mudanças que vinham acontecendo em toda a estrutura da festividade, o que abriu espaços para outras alterações e adaptações. Voltando um olhar para a realização da festa é visto que um dos motivos da mudança foi a proximidade das localidades com o mesmo padroeiro, havendo assim um choque nas datas de celebrações, gerando mais um motivo para a mudança.

> [...] Aqui no mês de junho... foi mudado... antes de construir a igreja... porque tinha a igreja de Santo Antôio... antigamente era Santo Antôio também aqui né?... a pequeninha... tinha Santo Antôio na Várzea e também aqui... então eles falaram pra não ficar as duas festas juntos... então vamos deixar pra depois da safra... que é na verdade foi fixado no... segundo domingo de outubro... e o terceiro vinha o de Delmiro... então... por quê?... eles achavam assim... que duas festas junto, ai ia atrapalhar porque ia... ia... a festa do Coração de Jesus ia cair, que é atrás da Várzea até dia treze, por causa que a do Santo Antôio seria até dia treze... [...]. (SILVA, 2023)

Desse modo, a festa do Sagrado Coração de Jesus passa a ser realizada no mês de outubro, não só pelo motivo do choque das festividades com a localidade vizinha, mas também como meio de facilitação para sua execução já que os fiéis viviam da agricultura, e no mês de junho não era período de safra. Podemos ver através dos relatos que:

> [...] Sempre era no mês de junho..., mas o povo era pobre e não tinha dinheiro... chovia muito também... aí os mais velhos pediram que ficasse em outubro... porque batia feijão e invés de dá dinheiro dava feijão... aí vendia o feijão e dai fazia a festa. (LIMA, 2023)

Apesar da mudança decorrida pelos motivos já apresentados, as mesmas não acabam por aí, anos depois a Festa do Sagrado Coração de Jesus passa por mais uma mudança, que perdura até os dias atuais. Em meio ao diálogo pode-se entender melhor sobre a mudança:

> [...] essa mudança de novembro já foi com Rosevaldo... por que?... Não foi nada de política dele... caiu uma eleição... quando inventaram o segundo turno... antigamente era só um turno né?... Aí teve um segundo turno que caiu no dia da festa de Delmiro... aí o padre Eraldo invés e antecipar pulou para o dia daqui... aí o Rosevaldo falou: peraí as duas festas no mesmo... na mesma semana não dá... Ai Rosevaldo... Então vamos tentar para novembro... ai colocou no segundo domingo de novembro. [...] aí ficou até hoje... deu certo... todo mundo gostou, o comércio gostou... O povo gostaram... porque num ficou muito em cima da de Delmiro [...]. (SILVA, 2023)

Dessa vez a mudança foi definitiva: a festa acontece até os dias atuais no mês de novembro, e finalizando sempre no último domingo desse mesmo mês. Em busca de compreender mais sobre essas mudanças nos aspectos materiais e simbólicos, é provocado um diálogo direcionado a essa área. Na tentativa de levantar um comparativo das mudanças da festa em seu início até os dias atuais, podemos perceber o seguinte:

> [...] diferença ai tá naquilo que os padres até não gostam... Por causa das bandas, porque antigamente... Tinham uns forrozinhos, mas... Num era negocio de bagunça na rua né?... Aqui aculá tinha um... Um... Como diz... Às vezes um forrozinho num recanto... Num salão... E ali também... (pessoa interrompe)... (risos)... Então é... Era... tudo quase tudo infantil... Era o carrosselzão empurrado a mão... E os patinhos, os barcos tudo a corda [...] então a maioria do povo que vendia era aquela coisa assim... Era.. Parecia mentira, mas porque não existia esse negócio de banca de cerveja praqui pra culá... Era as banquinhas... As mulé vendendo cocada, pão doce... É, a garrafinhas de suco... Era costume... Era tradição vê os casal sentar ali e comer pão doce cum suco... Lá naquelas bancas... [...] ai com o passar do tempo... Ai foi... Foram aparecendo às barraquinhas... Bingo... Ai... É... Trazia umas coisinhas... Mas sempre era aquela coisa mesmo de vender... Até a cerveja mesmo começou muito devagasinho... O cara vendia duas, três cervejinhas lá... E ainda mandava guardar por que... Pra não beber tudo... isso nos anos setenta... No começo dos anos setenta. (SILVA, 2023)

> [...] Antigamente tinha mais gente daqui né?... Hoje em dia porque vem de fora de todo canto né? E não tinha esse negocio de baile de nada... Era só a questão da igreja... E tinha botequizinho de arroz doce, mucunzá... Tinha pastoril... Pra apurar dinheiro... Pra rezar... (LIMA, 2023)

É notório o intenso e continuo processo de mudança que vem acontecendo ano após ano na festa do padroeiro, de início se vê que a única preocupação era a religiosidade, sendo privativas algumas ações, vendas e realizações ao público em meio ao período dos festejos. Como dito pelos atores sociais, com o passar do tempo a Festa do Sagrado Coração de Jesus ganha outros aspectos, outras interpretações, outras formas de vivência que variam de pessoa para pessoa. Assim, onde eram vivenciadas apenas questões religiosas, vendas de alimentos que serviriam para os custeios do próprio festejo, com o tempo vão ganhando aspectos econômicos externos como a venda de outros tipos de alimentos, de bebidas, interatividades externas que vão dando uma nova identidade a Festa do Coração de Jesus atraindo mais pessoas para prestigiá-la.

Figura 8 – Realização da festa do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 19 de novembro de 2022.

O fluxo dessas pessoas que vêm de outras localidades, cidades e até mesmo outros estados, contribuíram e contribuem muito no processo de construção dos festejos do Coração de Jesus. Podemos perceber isso através dos relatos seguintes relatos:

> (musica de fundo) vem... ainda vem... (musica desligada) o pessoal que viajava pra São Paulo... chegava à festa e vinham... faziam todo jeito pra vê a festa do Coração de Jesus... não queria perder de jeito nenhum né?... (questionamento: essas pessoas ficavam onde?) na casa dos familiares... (LIMA, 2023).

> [...] sempre essas pessoas cooperaram muito mais do que mesmos os da cidade... sempre as coletas desde aquela época agente já sabia que... que aquela pessoas que vinham de fora mesma pobre... tinha aquele dinheirinho... uns colocava no Senhor morto... às vezes agente já chegou a abrir com um dinheirinho bom assim. [...]. (SILVA, 2023)

Percebemos que, além de contribuírem na concretização e no fortalecimento cultural dos festejos, o fluxo de pessoas possibilita também uma nova identidade àquela realidade Muitos daqueles que saíram da cidade retornam, trazendo suas famílias (construídas lá fora), amigos (que desejam conhecer os festejos), agregando assim na continuidade da existência dos festejos, possibilitando ainda a constante modificação e adaptação de acordo com a cultura e realidade atual.

Com o intuito de compreender o que levaram estes que tanto contribuíram e contribuem para o a realização dos festejos, pode-se perceber que a relação existente surge desde a sua infância, algo que se aprendeu a fazer e ganhou gosto se tornando um estilo de vida. Visualiza-se isso por meio dos relatos:

> Porque com nove anos de idade eu entrei no coral da igreja... tanto era coral como a missa era em latim... agente respondia em latim... respondia de có que ninguém sabia lê com nove anos de idade né? (risos)... comecei a cantar e depois fiz o hino do padroeiro... aii... ai comecei... as novenas tudinho agente cantava né? (questionamento: e hoje?)... ainda hoje eu canto com todo prazer né?... (risos). (LIMA, 2023)

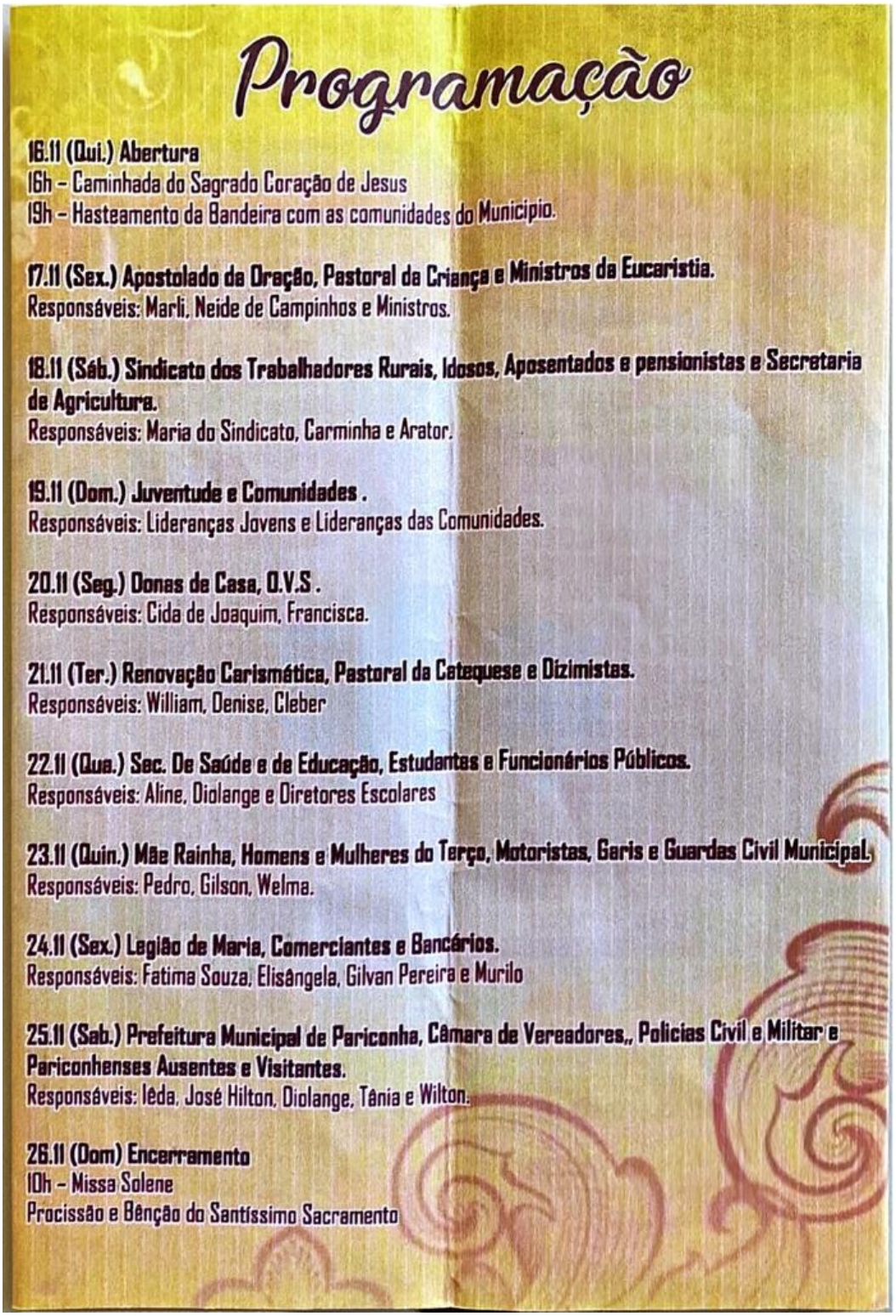
> [...] eu vinha... mesmo de férias eu gostava de vir... ajudar papai, que eu sabia que era muita correria e... hoje em dia é mais fácil que é muitos coroinhas... antigamente... eu sai já em 73 pra São Paulo... deixei um coroinha a pulso aqui... [...]. (SILVA, 2023)

Com isso, compreendemos que a relação vem de berço e vai sendo passada por meio de gerações, e diretamente ou indiretamente se torna estilo de vida, de modo que perdura até os dias atuais. Isso os possibilita a realizarem o comparativo entre o passado e o presente, e ainda ajuda a manter a história viva como fonte de identidade, não apenas religiosa, mas cultural e patrimonial da cidade.

A partir disso, se faz necessário apresentar como a Festa do Sagrado Coração de Jesus se apresenta sua estrutura, organização e funcionalidade após tantas mudanças que decorreram ao longo do tempo e que refletem diretamente nos seus aspectos simbólicos, econômicos e sociais. Essa Análise pôde ser detectada por meio da vivência e prática na execução e organização dos festejos.

Desse modo, a Festa do Sagrado coração de Jesus atualmente ocorre no mês de novembro de cada ano, tem iníci na segunda quinta-feira do mês e seu encerramento no quarto domingo do mesmo, onde por ventura, é celebrada pela Igreja Católica a solenidade de Cristo Rei que acontece em onze dias, sendo um dia para abertura, ou seja, hasteamento da bandeira, nove noites de novenário, e um dia para o encerramento, no qual acontece a celebração solene.

Figura 9 – Programação da Festa do Sagrado Coração de Jesus 2017



Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 21 de julho de 2023

Nota-se que cada noite há um patrocinador responsável, sendo ele pertencente a algum movimento ou pastoral da igreja, a uma família de

destaque na cidade, ou ocupante de algum cargo público, que por sua vez, organiza toda estrutura seja ela litúrgica ou financeira. Além disso, para a realização das noites conta-se sempre com um sacerdote convidado, que vem de outras cidades ou até mesmo de outro estado, para assim abrilhantar a noite com a sua pregação.

Figura 10 – Noite de novenário na Festa do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 11 de novembro de 2021.

A cidade, nesse período, ganha uma nova forma, uma vez que as famílias se reúnem, pessoas de outras localidades visitam a cidade, começam a surgir várias barracas e parques nas ruas. A cada seis horas da manhã, meio dia, e seis horas da noite, se houve rojões de fogos acompanhados de uma música festiva que ecoa da torre da igreja, anunciando que a cidade está em festa a celebrar o seu padroeiro.

Após o hasteamento da bandeira e o decorrente novenário, nos três últimos dias, as ruas vão ganhando outras formas, organizam ao redor da igreja um grande palco, ofertado pela prefeitura local. A população desfruta de shows de diversos estilos com um intuito de unir-se aos festejos religiosos, dando nome e identidade ao que é titulado como Festa de Pariconha.

Figura 11 – Rua de Pariconha no período dos festejos

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 18 de novembro de 2022.

Ao fim dessa celebração tanto religiosa como de rua, no último dia é realizada a celebração solene como encerramento dos festejos. Vale ressaltar aqui, que por muitos anos esse momento acontecia em dois tempos: a Missa Solene que era celebrada às 10h00 (dez horas) e a procissão às 16h00 (dezesseis horas). Nos dias atuais o encerramento acontece em apenas um momento, às 16h00 (dezesseis horas), onde é celebrada a Missa Solene, e logo em seguida acontece a procissão que percorre as principais ruas da cidade tendo como destino final o retorno à igreja matriz, que por seguinte é amestrada pelo sacerdote a Benção Solene em praça pública, com o uso do Santíssimo Sacramento.

Logo após a benção acontecem os momentos finais dos festejos, é neste momento que a bandeira do Sagrado Coração de Jesus, juntamente com a bandeira do Vaticano e a do Brasil, as quais foram hasteadas no primeiro dia dos festejos, é descida como sinal do término das festividades.

Figura 12 – Momento da celebração solene

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 20 de novembro de 2022.

Por fim, percebe-se o quanto os festejos contribuem tanto para a história da cidade como para fomentar a identidade cultural da mesma. Em seu período de execução, a cidade passa a ser vista de uma forma diferente, a população se comporta e gera uma expectativa diferente, gerando um sentido, uma vivência, uma simbologia, uma visão ótica dessa manifestação cultural, que por sua vez, gera modificações culturais, sociais e econômicas na cidade. Sendo ainda composta por fragmentos simbólicos (territorialidades), que formam um todo, podendo ser vistas através do sentido sagrado e profano.

4 TERRITORIALIDADES GEOSSIMBÓLICASTEMPORÁRIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO

Depois de tracejar uma linha histórica voltada aos processos de construção histórico-cultural do município de Pariconha e da concretização e materialização nos âmbitos materiais e simbólicos da festa do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro dessa cidade, faz-se necessário debruçar-se de forma analítica com o intuito de compreender como essa manifestação cultural se materializa nesse município, como suas materialidades e simbologias são impressas nos espaços públicos do mesmo.

Desse modo, serão apresentadas nos tópicos a seguir territorialidades geossimbólicas temporais no uso do espaço público urbano, de maneira que seja apresentada a concretização dessas mesmas territorialidades junto à festa do Sagrado Coração de Jesus, com intuído de compreender por quem essas territorialidades são utilizadas e quem as consolida dentro desses espaços.

4.1 Territorialidades geossimbólicas temporárias junto à festa do Sagrado Coração de Jesus

Recordando alguns conceitos teóricos apresentados nas discussões anteriores, Rosendahl (2018, p. 30) apresenta as territorialidades como um conjunto de práticas desenvolvidas por alguns grupos, buscando manter controle em um determinado território, desenvolvendo, assim, territórios próprios. Bonnemaison (2002, p. 109), define os geossímbolos como um lugar, um itinerário, ou extensão, que através de questões religiosas, políticas ou culturais, ganham uma dimensão simbólica através das concepções de pessoas ou grupos éticos que ali frequêntam, que fortalecem assim a sua identidade.

Isto posto, pode-se identificar través de pesquisas realizadas em campo, que as territorialidades geossimbólicas temporárias na festa do Sagrado Coração de Jesus, quando materializada no espaço público urbano, se divide em dois espaços diferentes: no espaço sagrado e no espaço profano. Desse modo são concretizados nesses espaços nas formas matérias e imateriais (simbólicas).

Sendo assim, ao analisar determinado território cultural percebe-se, que dentro desse território vão se desenvolvendo territorialidades que neste caso são caracterizadas como temporárias, ou seja, que estão presentes ali por um determinado período de tempo, e que ganham sentido ou forma por meio dos geossímbolos existentes nos mesmos. Com isso, serão apresentadas abaixo essas territorialidades, fazendo-nos identificar e observar a sua materialização na prática territorial.

No espaço sagrado pode-se identificar a igreja, ou seja, o templo sagrado como uma territorialidade. Esta que se torna o centro, dentro do território religioso, e em sua circularidade se desenvolve outras territorialidades. Ela é utilizada pelos fiéis como um palco de interações sociais, e através da prática da fé e devoção ao Sagrado Coração de Jesus, essa territorialidade ganha limite, forma e sentido dentro do território cultural. Atribuindo assim, geossímbolos simbólicos (fé) e materiais (estrutura física) que se tornam crucias para a sua existência.

Figura 13 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 16 de novembro de 2023.

Ainda dentro do espaço sagrado, pode-se identificar como territorialidade, a celebração religiosa, esta que ganha sentido em frente à

igreja, onde a praça central da cidade ganha uma limitação e o que era um espaço público, ganha um recorte dentro do território, uma apropriação com limites, e passa-se a desenvolver naquele lugar uma atividade religiosa, dividindo simbolicamente o sagrado do profano.

Figura 14 – Celebração da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 20 de novembro de 2022.

Observa-se ainda como territorialidade, a procissão[5], que ganha forma logo após a celebração solene. É nesta prática que os fiéis demonstram a sua fé e materializam a territorialidade pelas principais ruas da cidade, carregando aos ombros um geossímbolo, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, concretizando temporariamente por onde passa a territorialidade religiosa.

Figura 15 – Procissão do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 24 de novembro de 2019.

[5] Marcha religiosa onde sacerdotes e fiéis percorrem determinado percurso levando imagens sacras.

Figura 16 – Cortejo acompanhando a Imagem do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 24 de novembro de 2019.

Direcionando o olhar para o espaço profano, podem-se identificar algumas territorialidades que dividem espaços e muitas das vezes se formam após o término de uso das territorialidades nos espaços sagrados, compartilhado do mesmo território, porém, desenvolvendo novos limites territoriais, novos sentidos, novos significados, novas impressões e elegendo novos geossímbolos que diferenciam daqueles que se apropriam e vivenciam diferentes ações dentro do mesmo território cultural.

Dessa forma, identifica-se como territorialidade no espaço profano, a festa de rua, esta que se caracteriza como um grande geossímbolo da “Festa do Padroeiro”, e é construído através do público local e externo, estes que utilizam dos festejos do padroeiro em seus últimos três dias de realização, não para um viés religioso (sagrado), mas para interatividade (profano) por meio de shows de artistas reconhecidos nacionalmente.

Para sua execução conta-se com um fluxo de pessoas de diversas localidades que ocupam o espaço onde ocorre a celebração sagrada formando assim uma nova territorialidade com uma nova funcionalidade e sentido, que por sua vez é atribuído através das relações socioculturais.

Figura 17 – Festa de Rua; festejos ao Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 23 de novembro de 2019.

Figura 18 – Pessoas utilizando a frente da igreja para realização da festa de rua

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 23 de novembro de 2019.

Identifica-se ainda como territorialidade, a praça de alimentação, essa que é formada por barracas que comercializam diversos gêneros alimentícios de empreendedores locais ou não, que buscam lucro financeiro e consequentemente faz a economia da cidade girar. A praça de alimentação

localiza-se aos arredores das demais territorialidades, permanecendo do início ao término das festividades, onde são desmontadas as estruturas.

Figura 19 – Praça de alimentação; festejos do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 23 de novembro de 2019.

Como territorialidade pode-se citar ainda, o parque de diversões, este que ganha sentido através da participação e interação de famílias com pessoas de diversas faixas etárias que utilizam o espaço em busca de diversão, o mesmo ocupa um determinado local, por trás da igreja, e ao término da festa desocupa, fazendo com que o local volte a sua funcionalidade anterior.

Figura 20 – Parque de diversões; festejos do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 23 de novembro de 2019.

Figura 21 – Espaço ocupado por parque de diversões, ao redor da igreja

Fonte: Acervo Pessoal de Cleber Júnior Barboza Alves. 23 de novembro de 2019.

A partir disso tudo, percebe-se que as inter-relações dessas territorialidades em suas materialidades, simbologias e temporalidades decorrem do fluxo de movimentação de agentes sociais, e constituem um único território cultural, que é receptor e campo das relações socioculturais, e dá sentido e forma a Festa do Sagrado Coração de Jesus. Assim, levando-nos a buscar identificar por quem e de que forma essas territorialidades são vistas e utilizadas dentro do espaço público urbano, decorrentes da Festa do Sagrado Coração de Jesus.

4.2 Interpretação crítica de usos do espaço público decorrentes da festa do Sagrado Coração de Jesus

Objetivando interpretar criticamente como se dá o uso do espaço público decorrente da festa do Sagrado Coração de Jesus foi desenvolvida uma pesquisa de campo, a qual buscou analisar, interpretar e identificar o desenvolvimento dos festejos na cidade. Para que se executasse esse processo, foi necessário o uso de aproximadamente 05 (cinco) anos consecutivos, já que a manifestação cultural acontece na cidade de forma temporária (anualmente), e possui data de início e término, adaptando-se a liturgia da igreja.

Sendo assim, o primeiro ano (2019), foi um ano de observação e alguns registros fotográficos, o qual pudesse levar a interpretar a organização da manifestação cultural e comportamento dos agentes sociais mediante o acontecimento dos festejos. Já nos dois anos seguintes (2020-2021), a pesquisa ficou limitada, devido à grande proliferação da COVID-19. As realizações dos festejos tiveram que se adaptar às ordens sanitárias, para que pudesse acontecer ainda como algo muito limitado. Respeitando o distanciamento social, a quantidade de pessoas, ocorreu somente a realização no viés sagrado, comprometendo assim toda a estrutura e "tradicionalidade" decorrente de anos anteriores. Nesse sentido, esse período foi utilizado para levantamento teórico que pudesse nos ajudar futuramente nas interpretações.

No ano de 2022, os festejos ocorreram como de costume, e foi nesse período que a parte prática da pesquisa foi executada. Sendo aplicados questionários que norteariam para compreensão das indagações levantadas durante a escrita desse trabalho. Desse modo, foi aplicado um questionário de cunho qualiquantitativo, obtendo 8 (oito) questões, sendo 6 (seis) de múltipla escolha, podendo obter mais de uma resposta e 2 (duas) abertas, buscando identificar as impressões dos entrevistados, possibilitando visualizar quais geossímbolos eram destaques para eles, quando direcionados aos festejos.

Diante disso, foram entrevistadas 40 (quarenta) pessoas, sendo 18 do gênero masculino e 22 do gênero feminino, com faixa etária de 20 a 74 anos, e pertencentes a diversas áreas da sociedade. A aplicação do questionário ocorreu entre os dias 18 (dezoito) e 19 (dezenove) do mês de novembro do ano de 2022 (dois mil e vinte e dois). Com isso, é possível visualizar a seguir, os dados obtidos, que nos direcionarão a identificar c*omo, por quem, com qual frequência, e quais os espaços mais utilizados* ao decorrer da festa do Sagrado Coração de Jesus.

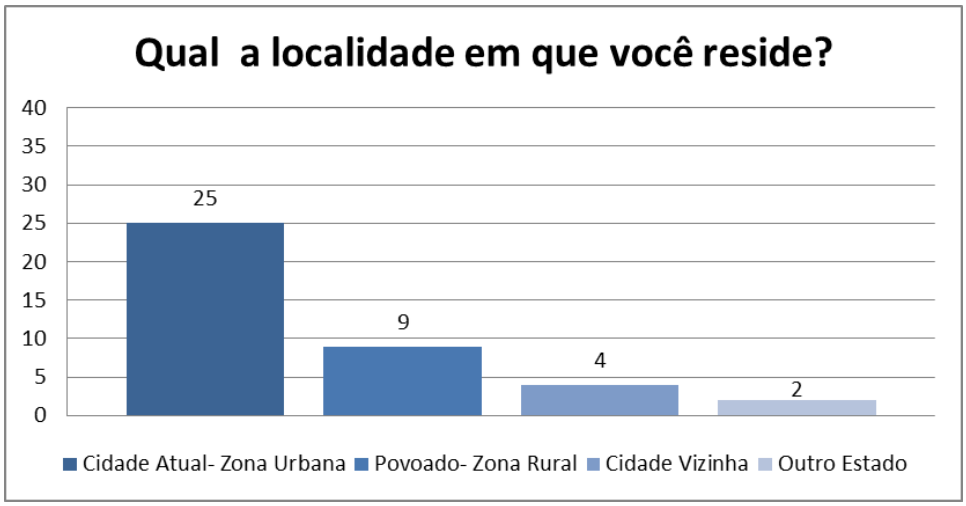
Essa representação será apresentada através de um quadro de dados e logo após em forma de gráfico para que possamos identificar com clareza a obtenção de resultados. Levando isso em consideração, a primeira pergunta lançada aos entrevistados foi: *Qual a localidade que você reside?* Obtendo tais resultados:

Quadro 1 – Localização de residência dos agentes sociais

Qual a localidade em que você reside?	
Cidade Atual- Zona Urbana	25
Povoado- Zona Rural	9
Cidade Vizinha	4
Outro Estado	2

Fonte: O autor (2023).

Gráfico 1 – Local de residência dos agentes sociais



Fonte: O autor (2023)

Nota-se que a grande maioria dos entrevistados reside na cidade atual zona urbana, uma boa parte em algum povoado da cidade na zona rural, outros vindos de cidades vizinhas e até de outros estados. Apesar de ainda não ser com grande incidência percebe-se que os festejos tornam a cidade-zona urbana um palco das relações socioculturais atraindo como uma espécie de núcleo urbano, atraindo pessoas de cidades circunvizinhas e até de outros estados para participação da sua execução.

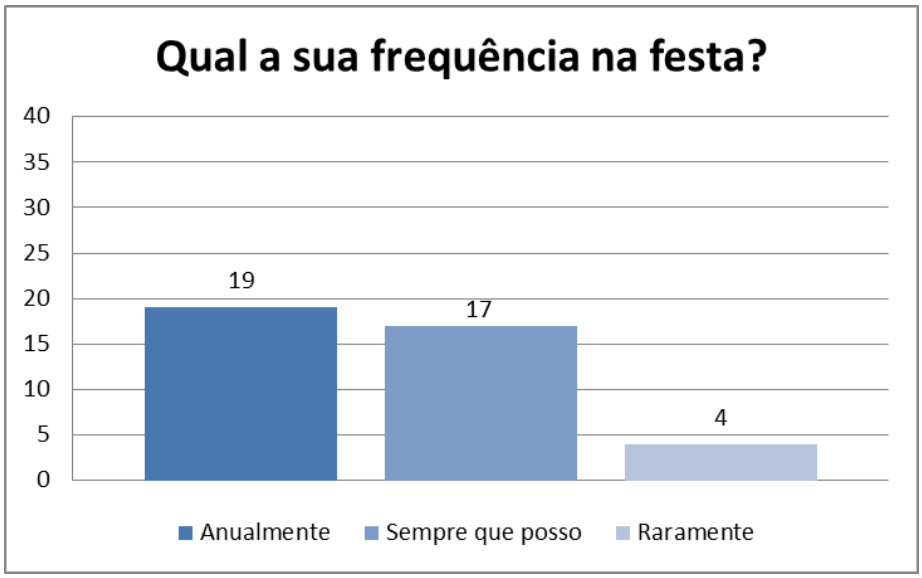
Logo em seguida, foi lançada a seguinte pergunta: *Qual é a sua frequência na festa.* Onde se obteve as seguintes repostas;

Quadro 2 – Frequência dos agentes sociais nos festejos

Qual a sua frequência na festa?	
Anualmente	19
Sempre que posso	17
Raramente	4

Fonte: O autor (2023)

Gráfico 2 – Frequência de participação nos festejos



Fonte: O autor (2023)

A respeito da frêquencia de participação desses agentes nos festejos do Sagrado Coração de Jesus, uma boa parte respodeu que iam anualmente participando do evento sem falhas, outra boa parte responde que iam sempre que podiam (sendo levantadas como motivo questões de transporte, distância, disponibilidade e trabalho), e uma parte mínima respodeu que ia raramente. É visto que a participação dos agentes se tornou algo tradicional com se fosse um preceito a se cumprir durante a data mais esperada do ano, e aqueles que não podem estar presente sentem-se incompletos por se ausentarem das festividades e precisar esperar mais um ano para o seu acontecimneto.

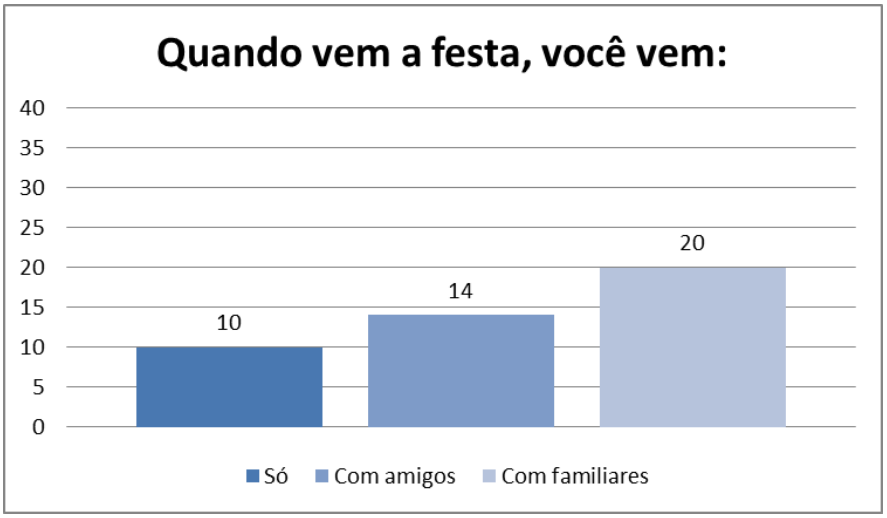
Seguindo a sequência das perguntas, foi lançado a seguinte indagação: *Quando você vem a festa, você vem*: com o intuido de identificar qual o público que frequenta e ocupa os espaços dos festejos:

Quadro 3 – Público que freqüenta os festejos

Quando vem a festa, você vem:	
Só	10
Com amigos	14
Com familiares	20

Fonte: O autor (2023)

Gráfico 3 – Público de freqüência nos festejos



Fonte: O autor (2023)

Vê-se que o público que frequenta os espaços dos festejos, em sua maioria, participa junto a familiares que aparentemente guardam essa tradição que é passada de geração a geração. Em segundo lugar, são amigos que juntos participam da festa do padroeiro em seus espaços. E, por último, a frequência das pessoas a sós que buscam participar efetivamente da execução da festa. Nota-se que a participação nos festejos não se limita a um determinado público, é aberto a todos, para todas as faixas etárias, seja para a frequência no âmbito sagrado ou profano.

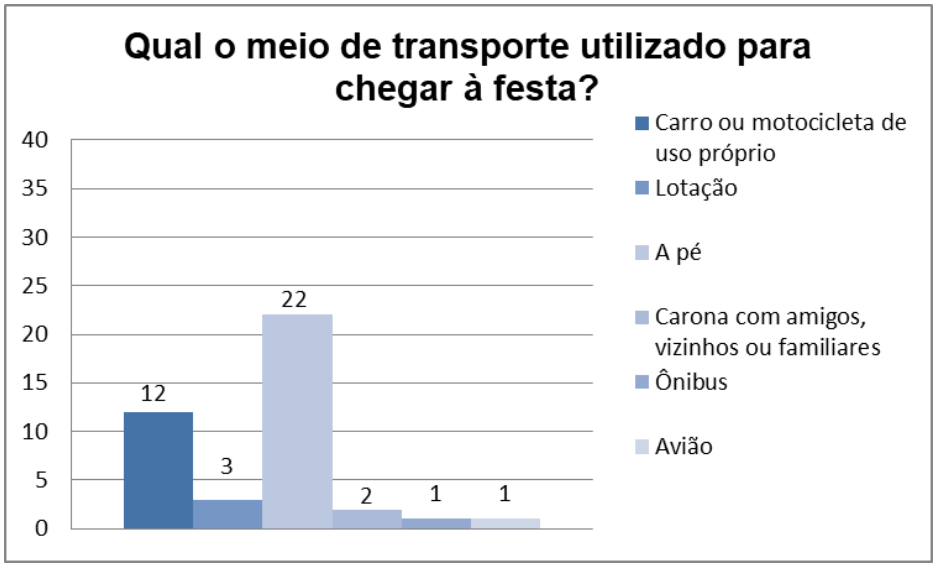
Posteriormente, foi lançada a seguinte questão: *Qual o meio de transporte utilizado para chegar à festa?* Com o intuito de descobrir quais os principais meios de transportes utilizados para locomoção até os espaços da festa do padroeiro.

Quadro 4 – Meio de transporte utilizado para chegar aos festejos

Qual o meio de transporte utilizado para chegar à festa?	
Carro ou motocicleta de uso próprio	12
Lotação	3
A pé	22
Carona com amigos, vizinhos ou familiares	2
Ônibus	1
Avião	1

Fonte: O autor (2023)

Gráfico 4 – Meios de transportes utilizados pelos agentes sociais para chegar aos festejos



Fonte: O autor (2023)

Buscando identificar como os agentes se deslocam de suas localidades de residência até o território cultual, consegue-se identificar as seguintes informações por meio das respostas dos mesmos: em primeiro lugar, grande parte das respostas revela que esses agentes se deslocam a pé; em um segundo lugar, de carro ou motocicleta de uso próprio; em seguida, de lotação (onde foram citados ônibus e van) e ainda vindos de ônibus e avião, obviamente aqueles que residem em outro estado.

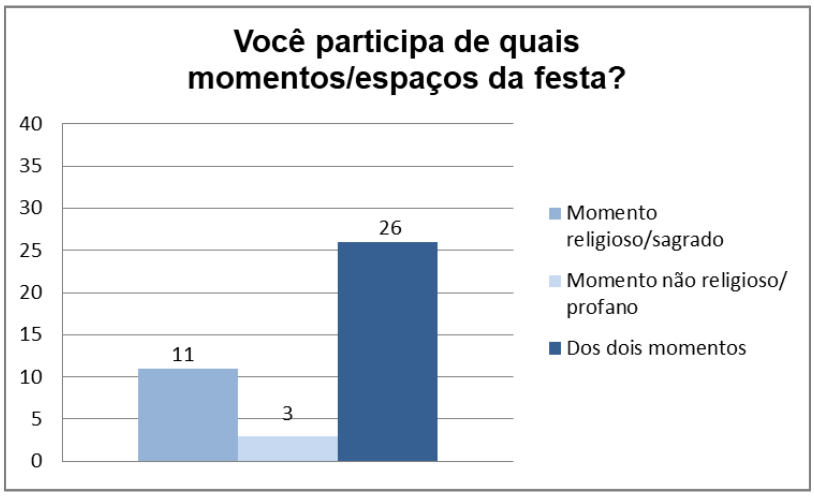
Dando continuidade, já identificando localidade, frequência, público e meio de transporte, buscou-se identificar efetivamente como ocorria a ocupação do espaço público, tendo em vista que no caso da Festa do Sagrado Coração de Jesus pode ser classificado em dois âmbitos, o sagrado e o profano. Com isso, foi lançada a seguinte questão: *Você participa de quais momentos/espaços da festa?*

Quadro 5 – Espaços de maior utilização na festa do padroeiro

Você participa de quais momentos/espaços da festa?	
Momento religioso/sagrado	11
Momento não religioso/ profano	3
Dos dois momentos	26

Fonte: O autor (2023)

Gráfico 5 – Espaços utilizados na festa do padroeiro



Fonte: O autor (2023)

Através desse questionamento, pode-se identificar que grande parte dos agentes sociais participa dos dois momentos, interagindo ou conciliando momentos de vivências tanto no espaço sagrado como no espaço profano, participando de atividades em ambos e da manifestação cultural em um todo. Em segundo lugar, uma parte considerável respondeu que participam somente de momentos no espaço sagrado, e ao término retornam para a sua residência. Por fim uma pequena parte relatou que não participam de atividades no âmbito sagrado, somente no âmbito profano, apesar de apresentarem devoção ao padroeiro.

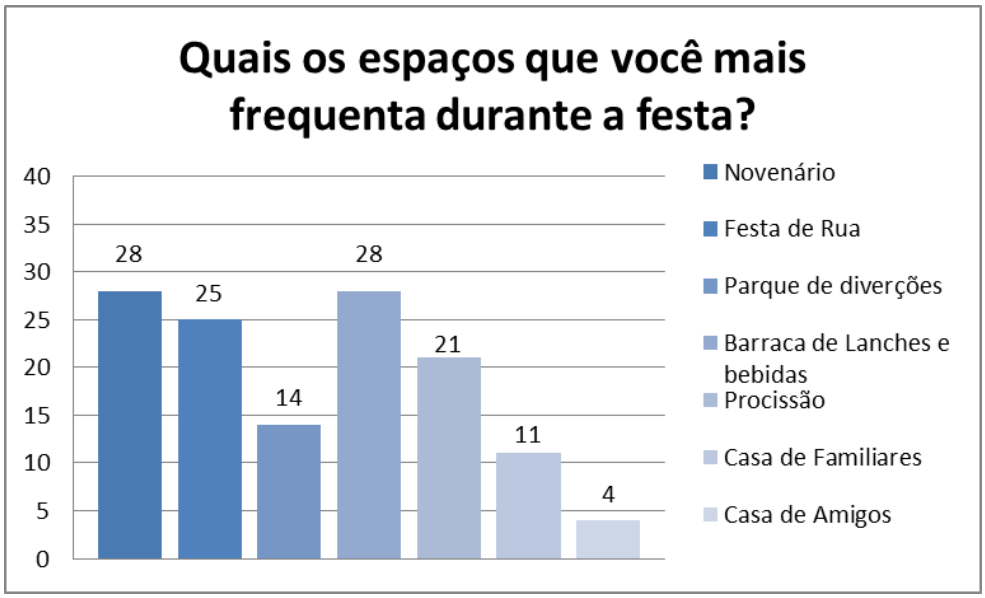
Com a pretensão de identificar, agora, quais as territorialidades desenvolvidas e utilizadas com maior frequência no espaço público, inserido no território cultual, foi apresentada a seguinte indagação, podendo haver mais de uma resposta por entrevistados: *Quais os espaços que você mais frequênta durante a festa?*

Quadro 6 – Espaços utilizados na festa do padroeiro

Quais os espaços que você mais frequenta durante a festa?	
Novenário	28
Festa de Rua	25
Parque de diverções	14
Barraca de Lanches e bebidas	28
Procissão	21
Casa de Familiares	11
Casa de Amigos	4

Fonte: O autor (2023)

Gráfico 6 – Espaços de maior utilização dentro do território cultural



Fonte: O autor (2023)

Identifica-se que as territorialidades com maior uso são o novenário e a barraca de lanches, que por sua vez, consolida a devoção da população e contribui no giro econômico da cidade. Em seguida, temos a festa de rua, que além da participação dos munícipes, conta também com a participação de pessoas vindas de outras cidades ou estados e os fazem interagir em um mesmo espaço cultural. Logo após, temos a procissão, está que, ao decorrer do seu desenvolver, “territorializa” temporariamente o seu percurso. Seguindo utilização das territorialidades, temos o parque de diversões, estes que são atribuídos àqueles que participam dos festejos em família. Além disso, temos a casa de familiares que acolhem aqueles agentes que se deslocam de seu local de origem e passam este período nessas casas, obtendo ainda a casa de amigos que cumpre o mesmo papel.

Após aplicar o questionário de forma direcionada, buscando identificar participação, incidência e desenvolvimento de territorialidades no espaço público, foram apresentadas questões abertas, com o intuído de levantar impressões e questões simbólicas que a festa do Sagrado Coração de Jesus imprime nesse público. Assim, foi lançada a seguinte indagação: *Qual a importância ou significado que a festa traz para você?*

Em resumo, mediante a pergunta anterior, surgiram questões como: diversão, entretenimento, reencontro de amigos e familiares, enriquecimento da fé, espiritualidade, cultura, tradição, movimento da economia local, aperfeiçoamento pessoal, retorno à infância. Assim, percebe-se que as impressões e simbologias são muito fortes para este público os remetendo a levar tais impressões para diversas áreas de suas vidas, contribuindo também para consolidação cultural mediante o uso do espaço público.

Levando isso em consideração, vale destacar ainda algumas impressões específicas obtidas no ato do questionário, que nos possibilita compreender a visão que os mesmos possuem em relação à realização dos festejos:

"A devoção popular ao Sagrado Coração de Jesus e a tradição anual do povo pariconhense" (Entrevistado A, 2022);

"Valores religiosos que é o Sagrado Coração de Jesus, retorno financeiro para o município" (Entrevistado B, 2022);

"Volta a Infância por meio do simbolismo do novenário e da visualização da chegada dos parques, mantendo viva a tradição" (Entrevistado C, 2022);

"Manter a tradição cultural da cidade" (Entrevistado D, 2022);

"Entretenimento e enriquecer a cultura" (Entrevistado E, 2022);

"Movimento da economia da região" (Entrevistado F, 2022);

É notório o quanto a simbologia se torna crucial para interpretar a manifestação cultural no espaço, e por meio da visualização do desenvolvimento de territorialidades geossimbólicas temporárias que se debruçam sobre os espaços sagrados e profanos, podemos entender os seus aspectos simbólicos nesse período de execução.

Por fim, foi lançada, também de forma aberta, a seguinte pergunta: *Qual elemento caracteriza a festa da cidade para você ("o que chama mais a sua atenção quando se ouve falar: Festa de Pariconha")?* Com o intuito de identificar quais os geossímbolos de maior significância para este público em primeira impressão, quando se ouve falar na festa do Padroeiro Sagrado Coração de Jesus. Desse modo, para que possamos compreender de forma clara, os dados obtidos serão apresentados em forma de quadro:

Quadro 7 – Principais elementos simbólicos que caracterizam a festa do padroeiro

Bandas de rua	Sagrado Coração de Jesus	Bandeira do Sagrado Coração de Jesus
Toque das matinas	Hino do padroeiro	Igreja
Missa	Novenário	Religiosidade
Devoção	Clima festivo	Fogos
Tradição	Festa de rua	Parque de diversões
Movimentação	Iluminação	Casas arrumadas
Música	Eucaristia	Diversão

Fonte: **O** autor (2023)

Por meio destes, pode-se identificar os principais elementos geossimbólicos que se tornam referência da festa do padroeiro para esse público, direcionando-nos a compreender a apropriação territorial que ocorre dentro desse espaço cultural, podendo ser chamadas assim de territorialidades temporárias. Territorialidades estas, que se consolida no espaço público e se dá através da decorrência da Festa do Sagrado Coração de Jesus, as mesmas recebem o nome de temporárias, pois, estão ali por um dado período de tempo, especificamente no acontecimento dos festejos, e após o término, a grande maioria se desfaz desapropriando o território, que se tornará campo de uso para outras funcionalidades. Desta forma, a cada ano ocorre esse manejo de apropriação temporária e logo após, a desapropriação.

Com tudo isso, entendemos o quando os geossímbolos, sejam eles matérias ou imateriais, possuem a funcionalidade de dar sentido às coisas, pois, é através deles que podemos identificar como está ocorrendo o uso dos espaços, e de que forma o território está sendo utilizado a partir das territorialidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de compreender como se apresentam as territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano na festa do Sagrado Coração de Jesus em Pariconha-AL, esse trabalho buscou trazer em seu percurso um levantamento de pressupostos teórico-conceituais, vivências, e impressões, que nos leva a interpretar como essas territorialidades são desenvolvidas dentro do espaço público. A análise possibilita identificar quais os principais geossímbolos que constroem e dão sentido a essas territorialidades.

No primeiro capítulo foram apresentados alguns conceitos como: geografia simbólica, territorialidades e territorializações simbólicas, espaço público, espaços sagrados e espaços profanos, que nortearam a pesquisa. Assim, compreendendo a geografia simbólica como um instrumento de interpretação espacial das representações simbólicas no espaço, permitiu-se a compreensão da cultura por meio do estudo das simbologias. Podemos entender ainda, as territorialidades como fragmentos dentro do território que ganham formas e sentidos por meio da interação dos grupos sociais que podem ser materiais ou imateriais. Já as territorializações simbólicas se desenvolvem através das relações sociais que fazem uma construção por meio dos simbolismos, havendo narrativas, vivências, afetividades e construção de identidades.

O espaço público pode ser identificado, ainda, como um meio de uso das práticas sociais podendo obter duas vertentes: a física e a das práticas sociais (que engloba os valores impressões, subjetividade resultantes dessas interações), esse espaço pode obter, ainda, um valor de troca, o qual o indivíduo adapta à sua necessidade. Por fim, podemos apresentar os espaços sagrados como um campo propício para que haja a concretização da religiosidade, permitindo uma relação entre o homem, a divindade e o mundo terreno. Já os espaços profanos são o oposto do sagrado, desprovido de religiosidade e da sacralidade, porém, pode aparecer próximo ao sagrado, pois é através da existência do mesmo que surge o espaço profano.

No segundo capítulo se desenvolve um levantamento histórico a respeito do desenvolvimento da cidade de Pariconha e da Festa do Sagrado coração de Jesus. No qual chegamos ao entendimento que a cidade de Pariconha traz em seu percurso histórico grande riqueza política a cultural. Sua historicidade tem como base a entrelaço de duas culturas diferentes (indígenas e não indígenas), que mais tarde se tornou a história da cidade. Carrega em seu histórico grande entrave político em busca de sua emancipação da cidade de Água Branca, onde resultou em grande luta contra o regime militar até a sua emancipação definitiva.

Com grande diversidade cultural, o surgimento da festa do padroeiro nessa cidade inicia-se desde o seu processo de formação, onde a construção da igreja ocorreu através de doações de bem feitores que vinham catequizar os indígenas desse território, surgindo mais tarde, a festa do Sagrado Coração de Jesus, a qual provoca grande modificação espacial, durante sua execução, além de mover a economia da cidade. Apesar de sofrer várias modificações do seu surgimento até os dias atuais, a festa do padroeiro possuiu e possui grande contribuição para fortalecimento da identidade cultural da cidade.

Finalizando esse percurso metodológico, no terceiro capitulo foi apresentada uma visão crítica-interpretativa a respeito das territorialidades temporárias decorrentes da festa do padroeiro, onde podemos afirmar que a concretização da Festa do Sagrado Coração de Jesus não se dá apenas por pessoas que residem no local, mas também por pessoas das cidades circunvizinhas e até de outros estados. Nota-se que a finalidade de uso do espaço público varia de pessoa para pessoa e não se limita apenas às atividades religiosas ou na ocupação de uma única delimitação territorial.

Deste modo, surgem as territorialidades geossímbolicas temporárias, sendo diferentes formas de uso espacial dentro do território, que vão surgindo por meio de vivência e significados atribuídos às mesmas. Cada agente social obtém uma impressão, cria vínculos, atribui significados aos espaços que frequentam tornando-os elementos essenciais no processo identitário da festa do Sagrado Coração de Jesus. São essas relações e atribuições que moldam o espaço de acordo com a necessidade desses agentes, fazendo com que provoquem diferentes relações e modificações dentro desses fragmentos que juntos formam um único território cultural.

Mediante tudo que foi apresentado, podemos identificar que a pesar da festa do Sagrado Coração de Jesus se debruçar por dois espaços diferentes e distintos para grande maioria dos seus frequentadores anuais, participam dos dois espaços e os veem como um todo, sem distinção. Grande parte desse público reside na zona urbana da cidade, vindo outros ainda da zona rural, de cidades vizinhas ou de outros estados, em sua maioria frequentam os festejos com a família ou amigos, e utilizam como principal meio de locomoção para chegar ao espaço: caminhando a pé ou de carro/motocicleta de uso próprio.

Com isso, identifica-se que os agentes que participam dos festejos são os principais responsáveis pelo desenvolvimento das territorialidades geossímbolicas, atribuindo-as valores de uso e em alguns casos de troca. Além disso, tomam para si elementos simbólicos, sejam eles materiais ou imateriais, de ordem sagrado ou profano, e atribuem como identidade que lembrem ou caracterizem os festejos em ordem simbólica, dentro do território cultural. Dessa forma, essas territorialidades são compostas por agentes sociais e elementos simbólicos que caracteriza diferentes expressões culturais, que juntas consolidam a manifestação cultural em um todo.

Assim, o trabalho apresentado acarreta grande contribuição para o território cultural, pois se torna de grande importância para a própria cidade e seus munícipes, já que a mesma não possuía nenhum registro concreto sobre determinado conteúdo. Contribui, ainda, para as pessoas que possuem interesses por determinada temática, proporcionando conhecimento para pessoas de outras localidades que desconhecem o período e a execução dos festejos, e despertando o interesse por conhecer a cidade, havendo a possibilidade de maior mobilização de pessoas em determinada época, aprimorando o fluxo turístico, econômico e cultural.

Por fim, contribuiu ainda, de forma positiva para a minha formação acadêmica, podendo executar de forma prática tudo o que foi visto na teoria durante o processo de formação acadêmica. Desenvolvendo ainda, um olhar aguçado e um senso crítico-interpretativo em busca de compreender as modificações decorrentes das relações socioespaciais. Fazendo com que esse senso crítico seja transmitido através da execução da minha profissão enquanto pesquisador e futuro docente de Licenciatura Plena em Geografia.

6 APÊNDICE

- **APÊNDICE A**: Transcrição de entrevista com Hosano Euclides da Silva

Data de entrevista: 13 de fevereiro de 2023.

1 –Como, quando e por qual motivo a Festa do Sagrado Coração de Jesus surgiu?

É quer dizer... (questiona o foco da pergunta)... é... derna dos... derna que foi construída a igr... antres de construir a igreja... já...naquela época... já era mandada pelos coronés... Água Branca era os barões... quer dizer... tudo ligado né?... então... a Várzea era bem conhecida... a Várzea foi a primeira cidade do nosso território... disse que era uma cidade e tanto... uma cidade grande né?... ai foi quando os coronéis chegaram e acharam Água Branca... muita água tinha... ai foram se apossando... ai forçadamente eles puxaram a feira... e quem vinha trazer as coisas pra cá... todos os vendedores né? Que fazia parte dessa feira da Várzea... ai os coronéis foram pegando no meio do caminho e mandando para Água Branca... ai se surgiu a feira ali de Água Branca, terminou a Várzea aos pouco... foi se afundando assim... e realmente por um motivo...eu não sei se você já ouviu falar... que ela foi amaldiçoada... por que?... uns missionários vinheram... era uma cidade e tanto... segundo os mais velhos... falam né?... Quer dizer... até Delmiro Gouveia trabalhou... com Serafim e tudo nessa época... quer dizer bem antes de acontecer a tragédia... então um dos coronéis ai... chegou a atirar no missionário... na hora que ele sacou a arma, ele abriu a blusa... ele... abala enganchou, não houve ferreiro que tirasse... até um conhecido que é o meu... que é o João Lira da marcação né?.... Mané Lira né?...que era ferreiro... ninguém nunca conseguiu tirar a bala daquele revover... então... ai a partir disso vem aquela parte da bíblia... chegou num lugar não foi bem recebido, sacode a poeira dos pés e será amaldiçoada até a quarta geração, até a quinta sei não... e realmente... ai ele falou: cada casa que levantar aqui, cai duas, e foi o que aconteceu... era levan... era crescendo e caindo... começava uma casa e caia outra... até que todo mundo ficou assustado... já começou assim... então a festa... sobre a festa é o seguinte... o padroeiro da Várzea era Santo Antôio... ai eu... eu vi Monsenhor mesmo já falando isso... na verdade a festa daqui... já foi programada pra ser em outubro por que? (barulho externo de caminhão)... (se interrompe a entrevista e retoma logo após)... Aqui no mês de junho... foi mudado... antes de construir a igreja... porque tinha a igreja de Santo Antôio... antigamente era Santo Antôio também aqui né?... a pequeninha... tinha Santo Antôio na Várzea e também aqui... então eles falaram pra não ficar as duas festas juntos... então vamos deixar pra depois da safra... que é na verdade foi fixado no... segundo domingo de outubro... e o terceiro vinha o de Delmiro... então... por que?... eles achavam assim... que duas festas junto, ai ia atrapalhar porque ia... ia... a festa do Coração de Jesus ia cair, que é atrás da Várzea até dia treze, por causa que a do Santo Antôio seria até dia treze... então num foi ninguém que mudou... antes de construir a igreja... o Monsenhor mesmo... eu trabalhei com

ele derna de oito anos... e meu irmão... papai... quando ele chegou aqui papai já tava...então... antes do.. antes de surgir a igreja... então... tanto o Nicodemos como o Epifânio... todos os dois foram fundamental na construção aqui (questionamento voltando ao foco da pergunta)... a festa sempre foi em outubro por isso... *(Questionamento: e porque mudou para novembro?*)... essa mudança de novembro já foi com Rosevaldo... por que?... não foi nada de política dele... caiu uma eleição... quando inventaram o segundo turno... antigamente era só um turno né?... ai teve um segundo turno que caiu no dia da festa de Delmiro... ai o padre Eraldo invés e antecipar pulou para o dia daqui... ai o Rosevaldo falou: perai as duas festas no mesmo... na mesma semana não dá... ai Rosevaldo.. então vamos tentar para novembro... ai colocou no segundo domingo de novembro (*Questionamento: ai ficou até hoje?*)... ai ficou até hoje... deu certo... todo mundo gostou, o comércio gostou... o povo gostaram... porque num ficou muito em cima da de Delmiro... nem.. e quando termina uma já entra na de Água Branca também né?... então não foi nada de político... quer dizer... o problema das novenas sempre teve... no... no... na época... desde Lia... do coral das mulheres... de Lia, dona Zezé... tudo... de Vina... então a novena do Coração de Jesus sempre foi o mês todo... o mês de junho todo... era cantado todo... só que a festa ficou pra outubro assim... porque era depois da safra... o povo... terminou a safra... então... chegava até... no mínimo assim... duzentas cuia... duzentas cuia oque?... pegava até mais... era dez... e que tinha dois vasos lá... tinha vaso de... (se interrompe a entrevista e retoma logo após)... foi mudada assim... ela surgiu... o mês sempre foi o novenário todo... mas.. o... a... o dia mesmo da festa era do segundo domingo de outubro... já foi programada assim para não atrapalhar a festa da Várzea que era em junho... como era Santo Antôio e passou pra o Coração de Jesus... ai ia ficar duas festas juntos... então ai eles... eles entraram em acordo... quer dizer... quando vinheram fazer igreja... falaram... na hora que... que...foram colocar a pedra fundamental... não... vai ser a festa no segundo domingo de outubro.

2-O Sagrado Coração de Jesus sempre foi padroeiro da cidade, sendo celebrado nos festejos? Se não, qual era o padroeiro de antes e o porquê da mudança?

Derna que foi feito...ela já foi feito para o padroeiro Coração de Jesus, tanto que veio essa imagem direto da França... trouxeram até Penedo, de penedo puxou até Piranhas, ai daí no trem né?... até a base de Delmiro... de Delmiro de carro de boi chegou, ninguém tinha carro naquela época (*Questionamento: então sempre foi o Sagrado Coração de Jesus?*) é.. derna que...erna que.. que... o Santo Antôi ficou no cantinho... mas, porque tinha as janelas, ai colocavam assim de lado, nessas... nessas... aliás quase todas as partes tinha um... ai era feito um pezinho e colocava lá nera?... Mas o padroeiro (barulho externo)... ai veio... veio direto da França, o Coração de Jesus, São José e Nossa Senhora.

3- Quais as principais características que diferenciam a realização da festa no passado e atualmente?

Não a... a... a diferença ai tá naquilo que os padres até não gostam... por causa das bandas, porque antigamente... tinham uns forrozinhos mas... num era negocio de bagunça na rua né?... aqui aculá tinha um... um... como diz... as vezes um forrozinho num recanto... num salão... e ali também... (pessoa

interrompe)... (risos)... então é... era...tudo quase tudo infantil... era o carrosselzão empurrado a mão... e os patinhos, os barcos tudo a corda, que era de Joaquinzinho de Água Branca né?... então a maioria do povo que vendia era aquela coisa assim... era.. parecia mentira, mas porque não existia esse negócio de banca de cerveja praqui parculá... era as banquinhas... as mulé vendendo cocada, pão doce... é, a garrafinhas de suco... era costume... era tradição vê os casal sentar ali e comer pão doce cum suco... lá naquelas brancas... e a, o... as primeiras radiolas vieram sair... surgir já... depois dos anos sessenta... o primeiro rádio que chegou aqui em Pariconha... era do finado Zé de Lídia... era o rádio ABC, até na copa de sessenta e dois eu assisti... (entrevista interrompida, continuidade da resposta)... ai depois quando foi... ai com o passar do tempo... ai foi... foram aparecendo as barraquinhas... bingo... ai... é... trazia umas coisinhas... mas sempre era aquela coisa mesmo de vender... até a cerveja mesmo começou muito devagasinho... o cara vendia duas, três cervejinhas lá... e ainda mandava guardar porque... para não beber tudo...isso nos nãos setenta... no começo dos anos setenta.

4-Qual a importância e a frequência do fluxo de pessoas vindas de outras localidades?

É porque... sempre essas pessoas cooperaram muito mais do que mesmos os da cidade... sempre as coletas desde aquela época agente já sabia que... que aquela pessoas que vinham de fora mesma pobre... tinha aquele dinheirinho... uns colocava no Senhor morto... as vezes agente já chegou a abrir com um dinheirinho bom assim... outro tinha um cofrinho só que era uma mesinha... ai quando era a missa passava a coleta né?... ai quando tinh agente de fora...que nem Campinhos quase não vem mais... Caraibeiras quase não vem mais... quer dizer a missa era só um vez por semana também né?... agora nas festas... era aquela coisa assim... cada um que podia vinha uma noitinha assim... mas sempre conseguia assim... os fogos eram tudo natural... feito em Água Branca... ai papai que comandava tudo e eu que tirava as flechas pra amarrar tudo aquilo ali... era um aperreio danado porque pegar... cem, duzentas dúzias de fogos pra pegar... era mais Imbira, porque quando pegava assim... penão de cana era mais fácil, mas só que a vara fica muito alta... então gostava mais em imbira e essa serra aqui tinha muita (apontando pra serra)... dali eu tirava e já amarrava na medida então... colocava na giranda... era doze, seis de um lado e seis de outro... batia o fogo ali (barulho de quando acendida os fogos, feito com aboca) e acendia tudo de uma vez né?

5- **O que fez você se ligar a Festa do padroeiro? Qual o seu papel ou ligação atualmente?**

(barulho externo no fundo)... Eu sempre gosto de... toda toda vida é assim... eu vinha... mesmo de férias eu gostava de vir...ajudar papai, que eu sabia que era muita correria e... hoje em dia é mais fácil que é muitos coroinhas... antigamente ... eu sai já em 73 pra São Paulo... deixei um coroinha a pulso aqui... que era Guriba... e quando eu cheguei... bem um ano... dois anos...três anos... ai depois já no na 2000...foi que veio Wilton... o menino de Cinésia... eu sei vi uns quatro ai né?... mas não vingou né?... quando começou... quando começaram cescer acharam que... era vergonha aquilo lá né?... ai né... ai terminou ficando... quem mais ajuda, era papai mesmo, ou então Tenor... quando eu não tava aqui, eles tinham que se virar, porque os coroinhas mesmo

num... mesmo Tenor sendo o primeiro evangelizador... mas ele andava muito nessas caatingas, fazendo curso de batizado, curso de casamento, fiscalizando escola, que ele também era fiscal de escola... mas na hora de... o coral ele formou a filha de maria e os congregados marianos... então dai... chegou a encaixar o Zé de Atacilio que era meio rebelde e tocava no violão e teclado e Zé de Elisa... então dai surgiu um coral e de vera que tanto ÁGUA Branca, como Delmi... até Tacaratu convidava eles para tocar... para cantar o coral deles em Pariconha completo mesmo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS- UFAL
CAMPUS SERTÃO / DELMIRO GOUVEIA- AL
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Entrevista utilizada como componente de pesquisa para a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que possui por título: **Territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano: a festa do Sagrado Coração de Jesus em Pariconha-AL.**

Discente: Cleber Júnior Barboza Alves

Sua participação é de extrema importância!

Nome do(a) entrevistado(a): Rosana Euclides da Silva

1. **Como, quando e por qual motivo a Festa do Sagrado Coração de Jesus surgiu?**

2. **O Sagrado Coração de Jesus sempre foi padroeiro da cidade, sendo celebrado nos festejos? Se não, qual era o padroeiro de antes e o porquê da mudança?**

3. **Quais as principais características que diferenciam a realização da festa no passado e atualmente?**

4. **Qual a importância e a frequência do fluxo de pessoas vindas de outras localidades?**

5. **O que fez você se ligar a Festa do padroeiro? Qual o seu papel ou ligação atualmente?**

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação e uso das respostas desse questionário, para fins acadêmicos, produção de conhecimento junto ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do graduando em Licenciatura plena em Geografia, Cleber Júnior Barboza Alves.

Assinatura: Rosana Euclides da Silva

- **APÊNDICE B:** Transcrição de entrevista com Maria José Filha Lima

Data de entrevista: 21 de janeiro de 2023.

1-Como, quando e por qual motivo a Festa do Sagrado Coração de Jesus surgiu?

(música de fundo)Porque antigamente o padroeiro daqui era Santo Antônio, mas como ficava perto da Várzea do Pico, e já tinha o padroeiro de lá...ai o padre mudou para o Coração de Jesus... Sempre era no mês de junho... mas o povo era pobre e não tinha dinheiro... chovia muito também... ai os mais velhos pediram que ficasse em outubro... porque batia feijão e invez de dá dinheiro dava feijão... ai vendia o feijão e dia fazia a festa.

2-O Sagrado Coração de Jesus sempre foi padroeiro da cidade, sendo celebrado nos festejos? Se não, qual era o padroeiro de antes e o porquê da mudança?

Santo Antônio né?... eu já falei né? que ficava perto dada Várzea e o padre mudou...

3-Quais as principais características que diferenciam a realização da festa no passado e atualmente?

(música de fundo) Antigamente tinha mais gente daqui né?... Hoje em dia porque vem de fora de todo canto né? E não tinha esse negócio de baile de nada... era só a questão da igreja... e tinha botequizinho de arroz doce, mucunzá... tinha pastoril... pra apurar dinheiro... pra rezar... (pessoa falando ao fundo)

4-Qual a importância e a frequência do fluxo de pessoas vindas de outras localidades?

(musica de fundo) vem... ainda vem...(musica desligada) o pessoal que viajava pra São Paulo... chegava a festa e vinham... faziam todo jeito pra vê a festa do Coração de Jesus... não queria perder de jeito nenhum né?... (*Questionamento: essas pessoas ficavam onde?*) na casa dos familiares...

5-O que fez você se ligar a Festa do padroeiro? Qual o seu papel ou ligação atualmente?

Porque com nove anos de idade eu entrei no coral da igreja... tanto era coral como a missa era em latim... agente respondia em latim... respondia de có que ninguém sabia lê com nove anos de idade né? (risos) ... comecei a cantar e depois fiz o hino do padroeiro... aii... ai comecei... as novenas tudinho agente cantava né? (*Questionamento: e hoje?*)... Ainda hoje eu canto com todo prazer né?...(risos)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS- UFAL
CAMPUS SERTÃO / DELMIRO GOUVEIA- AL
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Entrevista utilizada como componente de pesquisa para a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que possui por título: **Territorialidades geossimbólicas temporárias no uso do espaço público urbano: a festa do Sagrado Coração de Jesus em Pariconha-AL.**

Discente: Cleber Júnior Barboza Alves

Sua participação é de extrema importância!

Nome do(a) entrevistado(a): Maria José Filha Lima

1. **Como, quando e por qual motivo a Festa do Sagrado Coração de Jesus surgiu?**

2. **O Sagrado Coração de Jesus sempre foi padroeiro da cidade, sendo celebrado nos festejos? Se não, qual era o padroeiro de antes e o porquê da mudança?**

3. **Quais as principais características que diferenciam a realização da festa no passado e atualmente?**

4. **Qual a importância e a frequência do fluxo de pessoas vindas de outras localidades?**

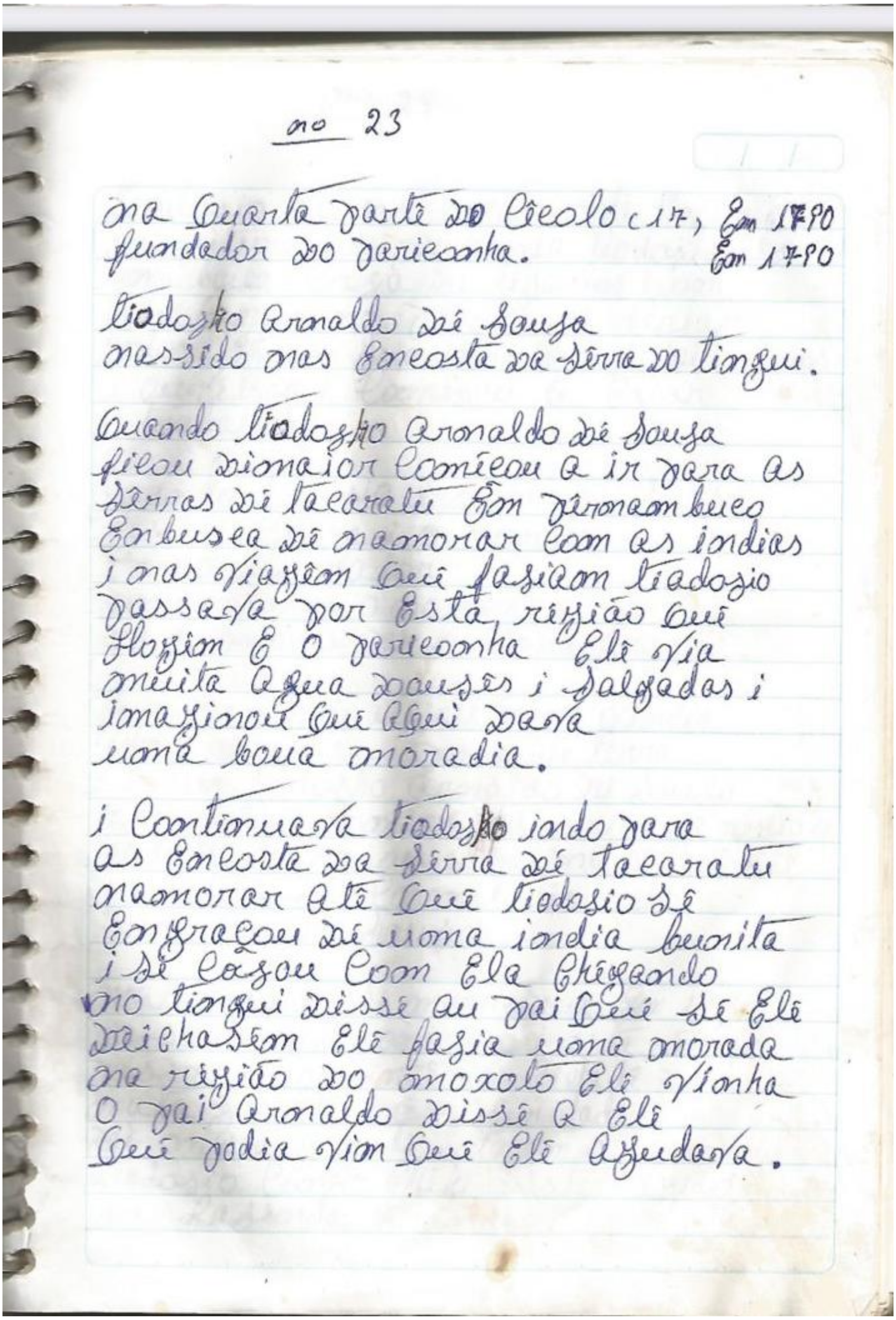
5. **O que fez você se ligar a Festa do padroeiro? Qual o seu papel ou ligação atualmente?**

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação e uso das respostas desse questionário, para fins acadêmicos, produção de conhecimento junto ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do graduando em Licenciatura plena em Geografia, Cleber Júnior Barboza Alves.

Assinatura: Maria José Filha Lima

7 ANEXOS

- **Anexo 01**: Chegada da primeira família na Fazenda Grande e despertar de interesse pela localidade;


no 23

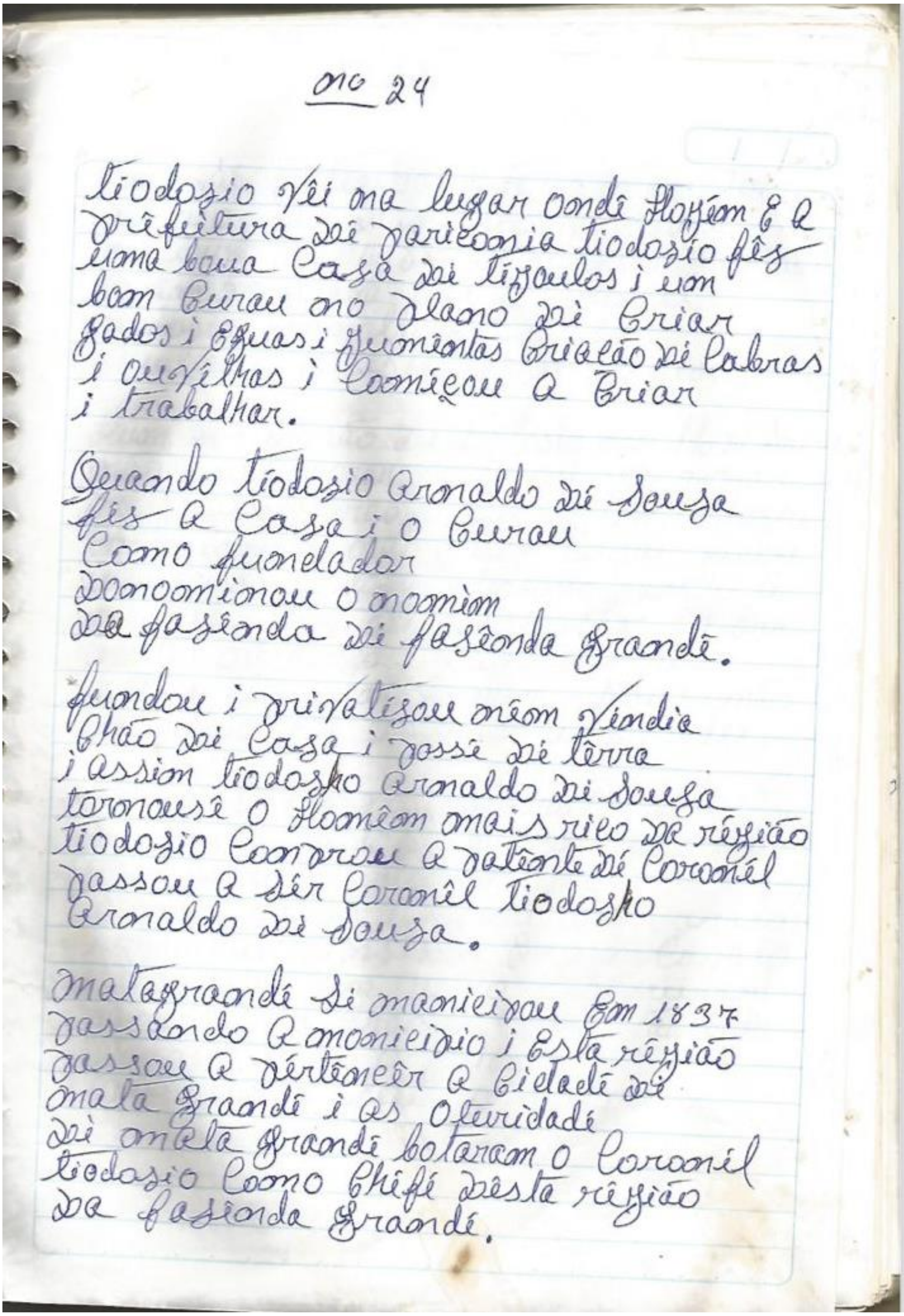
na Quarta parte do Ceolo c 17, Em 1790
fundador do pariconha. Em 1790

Tiodozio Aronaldo zé Sousa
nassido nas Encosta da serra do tingui.

Quando Tiodozio Aronaldo zé Sousa
ficou dimaior Començou a ir para as
Serras de Tacaratu Em Pernambuco
Enbusca de namorar Com as indias
i nas Viagem Que fasiam Tiadozio
passava por Está rigião Que
Ficam É O Pariconha Ele via
muita agua doces i Salgadas i
imaginou Que aqui dava
uma boua moradia.

i Continuava Tiodozio indo para
as Encosta da Serra de Tacaratu
namorar até Que Tiodozio Se
Enfracou de uma india bunita
i se Casou Com Ela Chegando
no tingui disse au pai Que se Ele
deichasem Ele fasia uma morada
na rigião do moxoto Ele vinha
O pai Aronaldo disse a Ele
Que podia vim Que Ele ajudava.

- **Anexo 02:** Início do processo de territorialização da região;


ano 24

tiodosio vêi na lugar ondê hojêm é a
prêfeitura daê paricônia tiodosio fês
uma baua casa daê tijoulos i um
bom curau no plano daè criar
gados i équas i jumentas criacão dè cabras
i ouvêlhas i comêçou a criar
i trabalhar.

Quando tiodosio aronaldo dé Sousa
fês a casa i o curau
como fundador
donoominou o noomim
da fasênda dè fasênda grandê.

fundou i privatisou nêom vêndia
chão daè casa i possê dè terra
i assim tiodosio aronaldo dè Sousa
toronousê o homêm mais rico da rêgião
tiodosio comprou a patênte dé coronél
passou a sêr coronêl tiodosio
aronaldo daè Sousa.

matagrandé sê manicipou em 1837
passando a monicipio i Esta rêgião
passou a pêrtêncêr a cidadé daè
mata grandé i as otoridadé
daè mata grandê botaram o coronél
tiodosio como chêfé dêsta rêgião
da fasenda grandé.

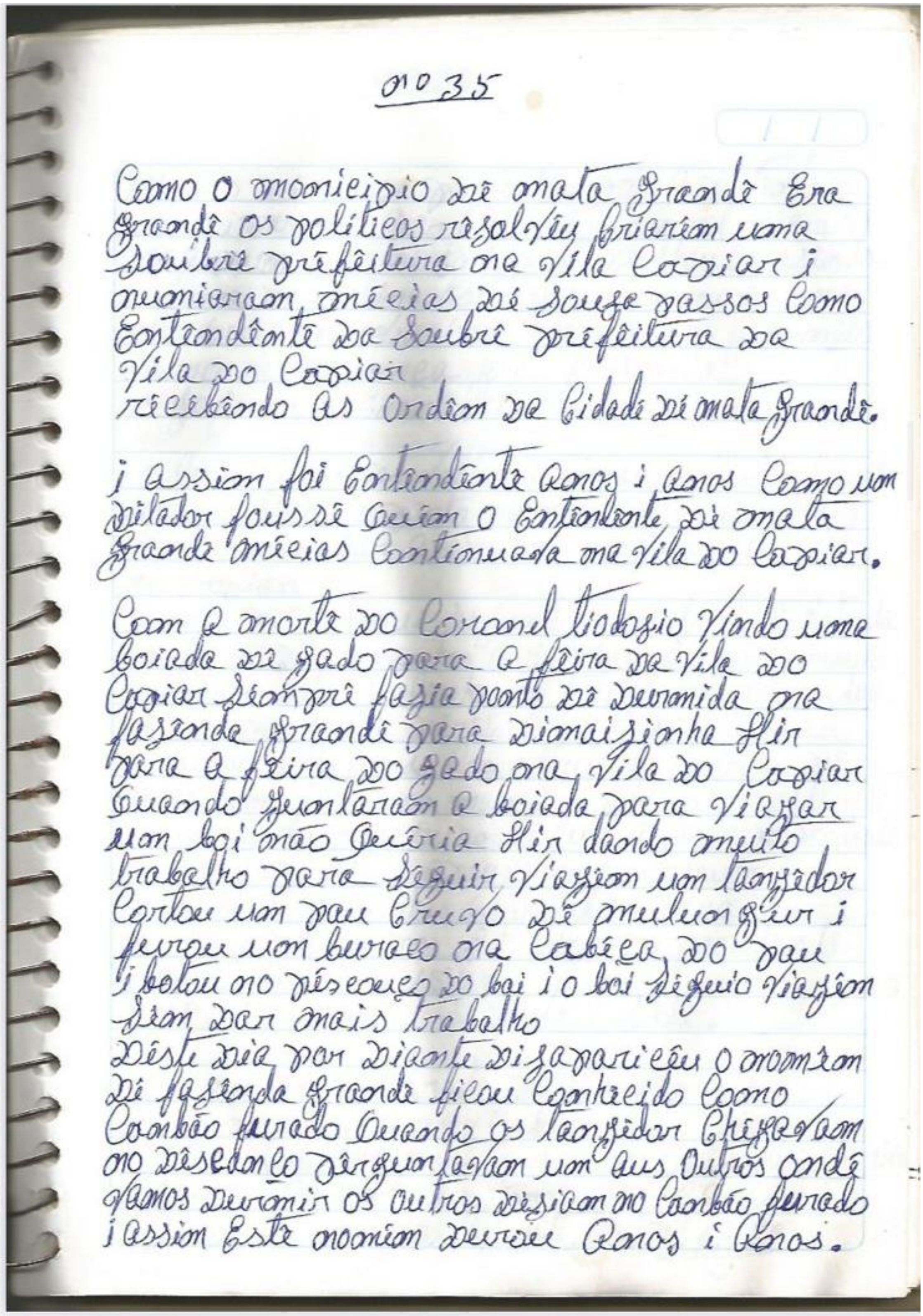
- **Anexo 03:** Morte de Teodósio. Mecias passa aassumir a Fazenda Grande;

no 34

no sêculo dezoito morreu
Teodosio Arnaldo dê Sousa dos filhos
de Teodosinho os dois Quê mais-se
destacavam Era Mêcias dê Sousa passos
i marcélino dé Sousa passos Criavam
muito gado i Cuabras i ovêlhas i Eguas
i Jumêntas Sendo Quê mécias Era
mais do Quê marcélino.

i tinha mais nomêm no Conhecimento
arêdor Cuando o Coronel teodosinho
dé Sousa morrêu os politico
dé mata grandê Convidaram mécías
para Assumir o lugar do sêu
pai teodosio Como Ele ia ficar Como
Chêfê da rêgião i Ele Asêitou.

- **Anexo 04:** De Fazenda Grande a Cambão Furado;



nº 35

Como o município de mata Grandê Era
Grandê os políticos resolvéu Criarêm uma
Soubrê prêfêitura na Vila Capiar i
numiaram mécias dé Souza passos Como
Entendênte da Soubrê prêfêitura da
Vila do Capiar
recebêndo as Ordêm da Cidade dé mata Grandê.

i assim foi Entendênte anos i anos Como um
ditador fouis sê Quêm o Entendente dé mata
Grande mécias Continuada na Vila do Capiar.

Com a morte do Coronel tiodozio Vindo uma
boiada de gado para a fêira da Vila do
Capiar Sêmprê fazia ponto dê durmida na
fazenda Grandê para dimaisidia Hir
para a fêira do gado na Vila do Capiar
Quando Juntaram a boiada para Viajar
um boi não Quêria Hir dando muito
trabalho para Sêguir Viajêm um tangêdor
Cortou um pau Cruzo dê mulungú i
furou um buraco na Cabêça do pau
i botou no pêscoço do boi i o boi Sêguio Viajêm
Sêm dar mais trabalho
Dêste dia por diante disaparicêu o nomêm
dê fazenda Grande ficou Conhecido Como
Cambão furado Quando os tangêdor Chêgavam
no dêscanço pêrguntavam um aus Outros ondê
vamos durmir os outros dêziam no Cambão furado
i assim Este nomêm durou anos i anos.

- **Anexo 05:** Seca da época, chegada dos indígenas;

no 38

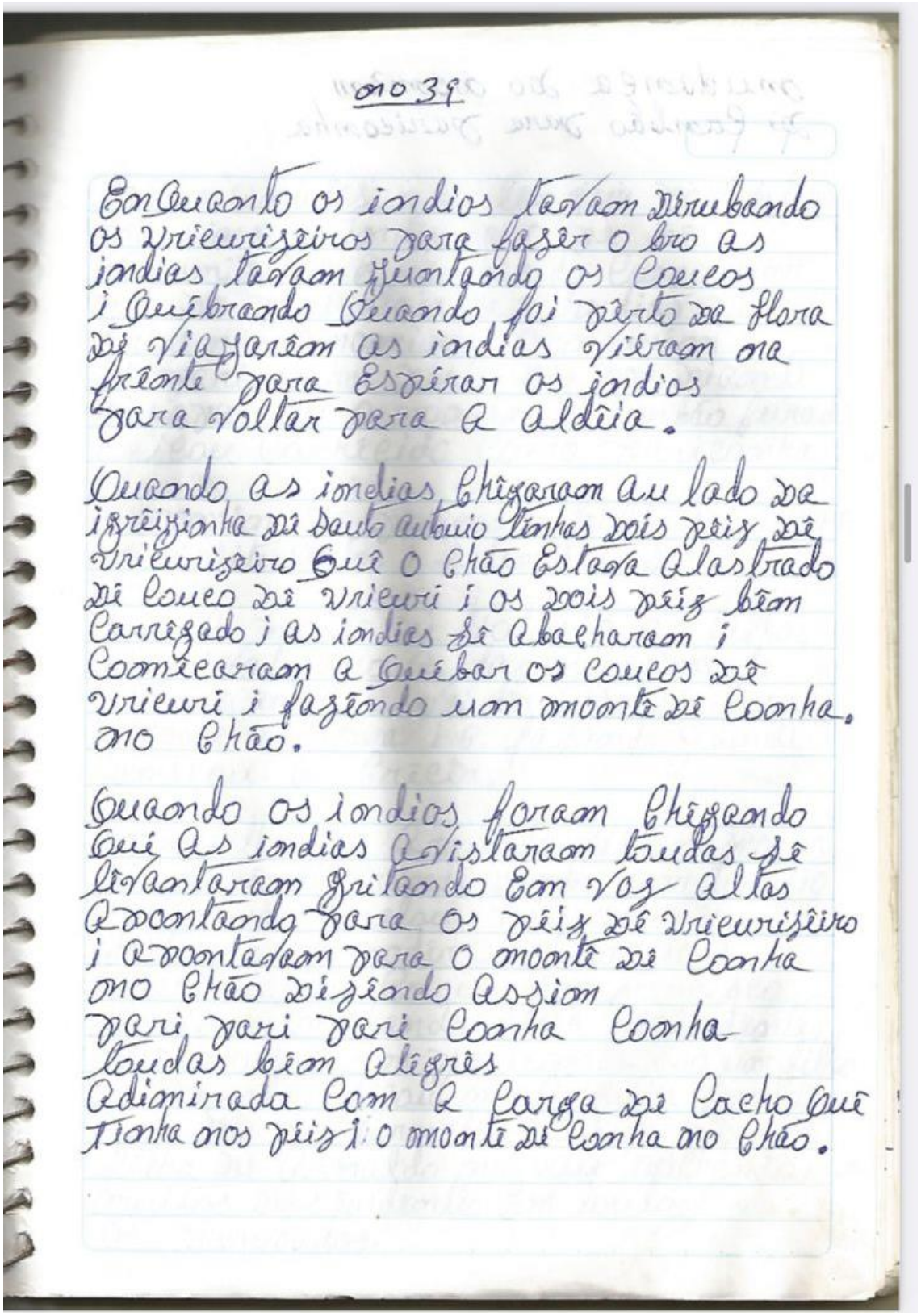
no Ano dé 1877
mil i oitusentos i sêtenta i sête

dêu a mair sêca dé toudos os têmpos
Em toudo nordêstê os indios i as indias
vinha Enbusta dé subrivivencia viendo
das Encosta da Sêrra dé Tacaratu
Em pêrnambuco Elhês ja sabia Quê no
Canbão furado tinha muito urikurizêiro
Era Com abondancia ja Era dé Custume
Em Outras sêca Elhês vim buscar os
Coucos dé urikuri para Comêr a.

mais Esta sêca Como foi a pior Elhes
vieram na Entenção dé levar os Coucos
Como tambêm dirubar os pêis dé
urikurizêiros i rolar as toras i abrir
no mêio i bater nos lajêiros para
tirar o miolho i fazêr o bro para
Servir dé mistura para Comêr
Com a Conha sêrvindo dé farinha.

no pato do Canbão furado tinha a
igrêijinha dé Santo Antonio Era na
igrêijinha Quê os indios i as indias
Sê aSertavam para Si juntar
para voltar para a aldêia.

- **Anexo 06:** Origem do nome Pariconha e desenvolvimento local;



no 39

Enquanto os indios tavam dirubando os vricurizêiros para fazêr o bro as indias tavam juntando os coucos i quêbrando quando foi pêrto da flora dê viajarêm as indias viêram na frênte para espêrar os indios para voltar para a aldêia.

Quando as indias chêgaram au lado da igrêizinha dê Santo Antonio tinhas dois pêis dê vricurizêiro quê o chão estava alastrado dê couco dê vricuri i os dois pêis bêm carrêgado i as indias sê abacharam i comêcaram a quêbar os coucos dê vricuri i fazêndo um montê dê conha. no chão.

Quando os indios foram chêgando quê as indias avistaram toudas sê levantaram gritando em voz altas apontando para os pêis dê vricurizêiro i apontavam para o montê dê conha no chão dizêndo assim
pari pari pari conha conha
toudas bêm alêgrês
adimirada com a carga dê cacho quê tinha nos pêis i o montê dê conha no chão.

- **Anexo 07:** Definição do nome Pariconha;

nº 40

foram Analisar a linguagem dos indios
na lingua indigena O pé de
urucurizeiro E conhecido como um
pé de pari Hair as indias dêu a
origem i denominou o nomêm
de paricoonha dêste dia por diante
dizaparicêu o nomêm de Cambão furado
i ficou conhecido como paricoonha.

O nomêm de paricoonha foi apartir de 1877
mil i oitucentos i sêteenta i sete.

Com a morte di tiodozio os filhos
desprivatisaro a fasenda grande
i começaram a vender chão de casa
i posse de terra i a fasenda grande
começou a crecêr.

dois filhos de Arnaldo vieram morar
na fasenda grande junto com tiodozio
sêu irmão veselou que morrêu
solteirão no poder di tiodozio i
Anacleta que casou com francisco
Henrique dêichando sêus desêndêntes
que moram Em paricoonha so um filho
de Arnaldo ficou no tinguir junto
com sêu pai Arnaldo que foi braga
filho de Arnaldo morrêu dêichando
muitos desêndentes Em todos
os povoados.

- **Anexo 08:** Desmembramento de cidade Água Branca de Mata Grande;

ano 72

maria biata
São Duomingo
Santa rosa
Santa monica
São Jose
rigiona biata
libania biata
biata Ania como rijente chife das outras

O convento das biatas Era no paricomha
Elhas fizêram uma casa dê taipa i
cobriram dê palha dê uricurizêiro com
porta dê mandacaru i hali vivian
comprindo sua misção foi quando
Agua branca sê povoau i Em 1875
passou a cidade se desmembrando dê
mata grandê i rijente biata Ania
dividio as biata criando também um
convento Em Agua branca botou
como rijênte maria biata do paricomha
a primêira rijente do convento
dê Agua branca.

maria biata como rijente
São Duomingo biata
Santa monica biata
São Josê biata
Santa rita biata

ficou Em paricomha as sêguintes biata

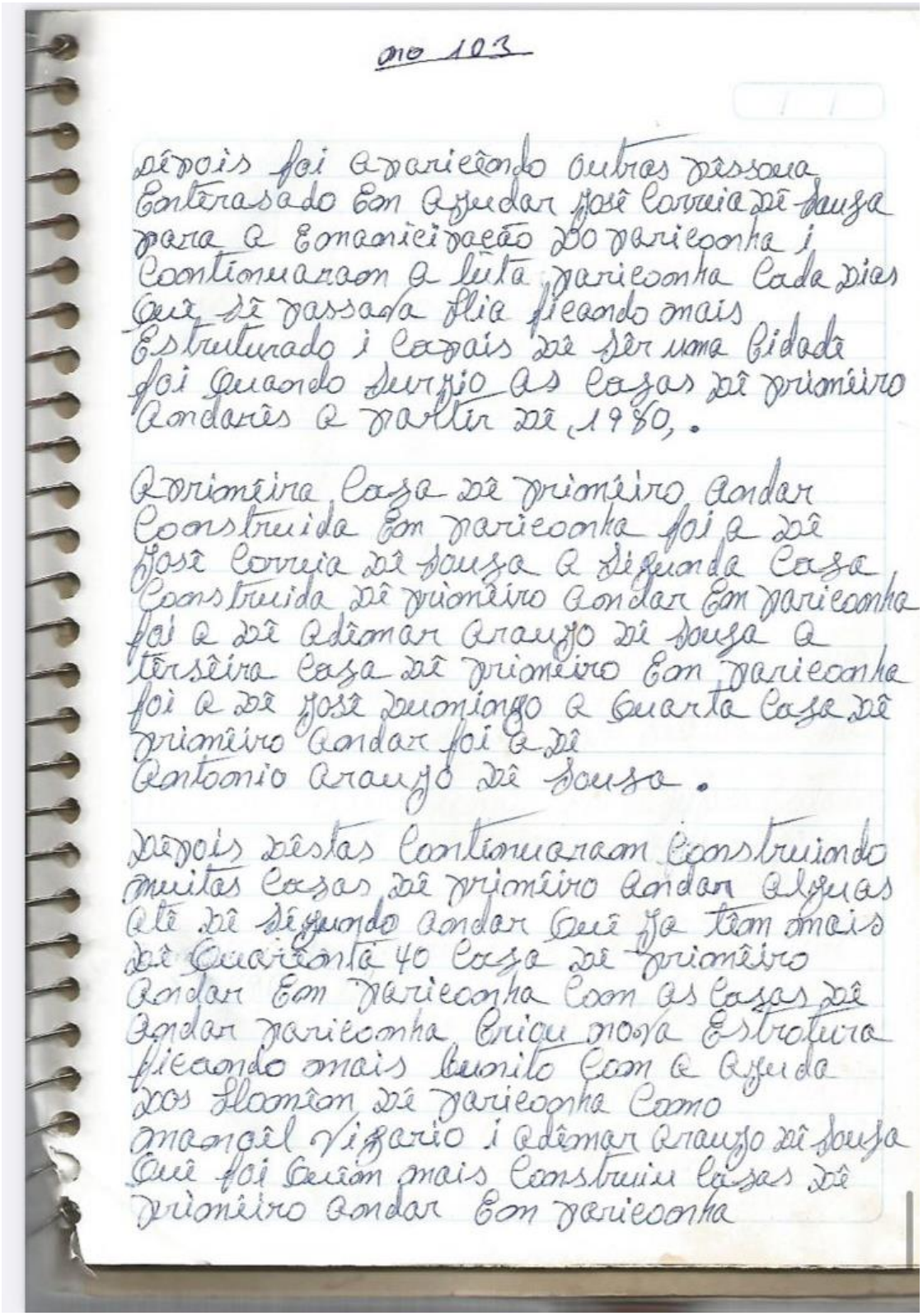
- **Anexo 09:** Contribuições para o início do desenvolvimento de Pariconha;

ano 102

roberto vilhar torres Como dêputado
fêderal trabalhou muito pêlho o município
dê Agua branca prinsipalmênte pêlho
o paricoonha trousê têlêfone trousê
Cartorio trousê Corrêio trousê Enêrgia
Elétrica para todos os povoados
trousê Enêrgia Elêtrica para as zonas
rurauês trousê muitos poucos
astêziano para varas localidadês do
município dê Agua branca trousê
na dêca dê oitenta 1980 Agua
Encanada para paricoonha
no governo dê Guilhêrmê palmêira.

roberto vilhar torres dêichou o dêstrito
dê paricoonha bêm Estruturado Encondição
dê sêr Huma Cidadê Hairvêio o
Comêçio dê Emancipação do Grandê
Homêm Que foi A idêia dê José Corrêia
dê Souza José Corrêia dê Souza
Comêçou Enfrêntar A Emancipação
Quaisê Sozinho as pêssoas Quê sê
Juntou no Comêcio Com
José Correia Eram muito fracos
dêpois foram Aparicendo.

- **Anexo 10:** Desenvolvimento na estrutura de Pariconha;



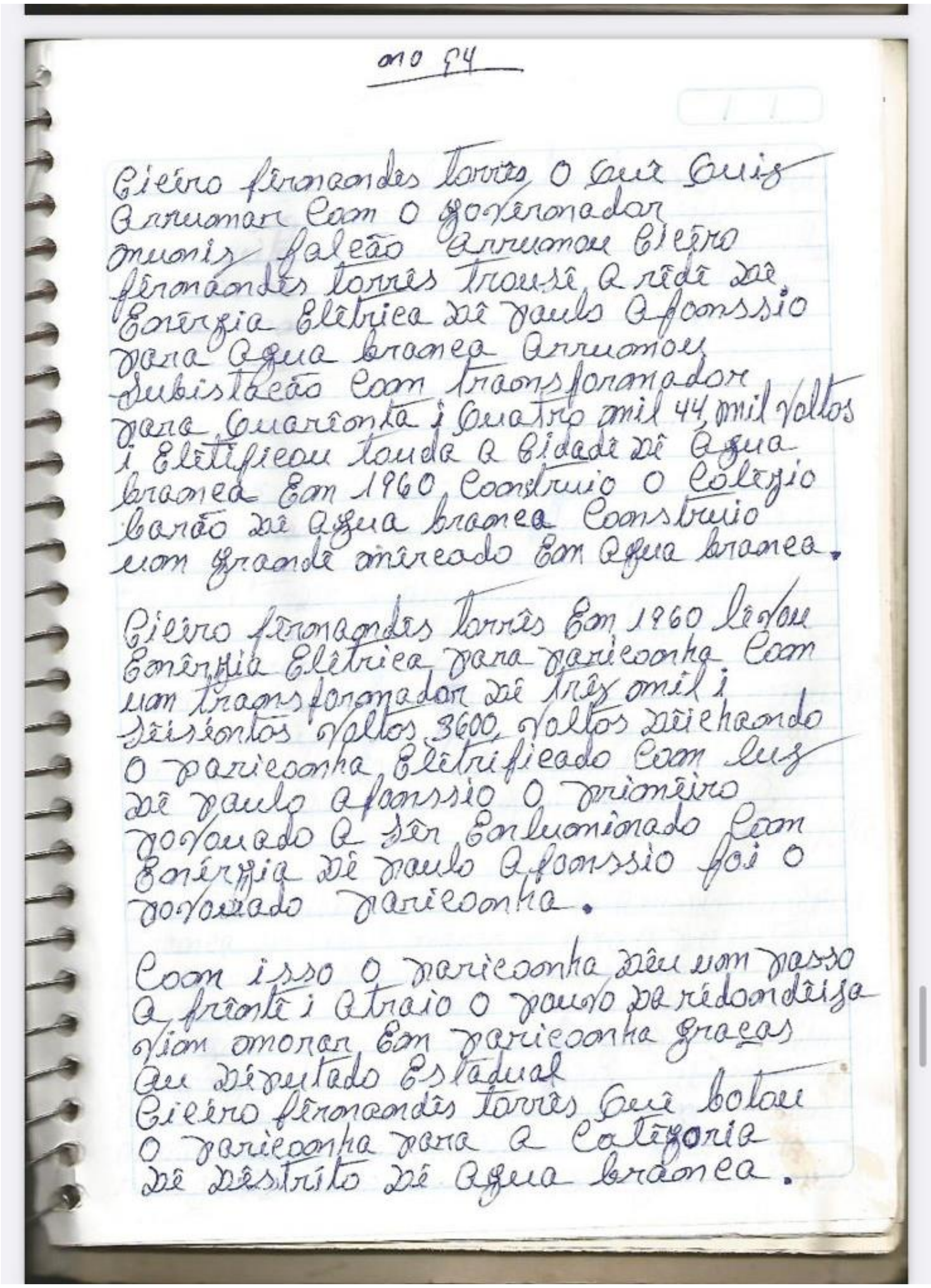
no 103

depois foi aparecendo outras pessoa
interasado em ajudar josé correia de sousa
para a emancipação do pariconha i
continuaram a luta pariconha cada dias
que se passava ilia ficando mais
estruturado i capais de ser uma cidade
foi quando surgio as casas de primeiro
andares a partir de 1980,.

a primeira casa de primeiro andar
construida em pariconha foi a de
josé correia de sousa a segunda casa
construida de primeiro andar em pariconha
foi a de ademar araujo de sousa a
terseira casa de primeiro em pariconha
foi a de josé domingo a quarta casa de
primeiro andar foi a de
antonio araujo de sousa.

depois destas continuaram construindo
muitas casas de primeiro andar algumas
até de segundo andar que ja tem mais
de quarenta 40 casa de primeiro
andar em pariconha com as casas de
andar pariconha criou nova estrutura
ficando mais bunito com a ajuda
dos filhos de pariconha como
manoel vigario i ademar araujo de sousa
que foi eleim mais construiu casas de
primeiro andar em pariconha

- **Anexo 11:** Pariconha se torna distrito de Água Branca;



ano 54

Cicero fernandes Torres o Cuê Cuis
Arrumar Com o governador
muniz falcão Arrumou Cicero
fernandes torres trouxe a rêdê dê
Energia Elétrica dê paulo afonssio
para Agua branca Arrumou
Subistacão Com transformador
para Cuarenta i Cuatro mil 44 mil voltos
i Eletificou touda a Cidade dê Agua
branca Em 1960 Construio o Colegio
barão dê Agua branca Construio
um grande mercado Em Agua branca.

Cicero fernandes torres Em 1960 levou
Energia Elétrica para pariconha Com
um transformador dê três mil i
seiscentos voltos 3600 voltos deichando
o pariconha Eletrificado Com luz
dê paulo afonssio o primeiro
povoado a sêr Eniluminado Com
Energia dê paulo afonssio foi o
povoado pariconha.

Com isso o pariconha dêu um passo
a frente i atraio o pouvo da redondeiza
vim morar Em pariconha graças
au deputado Estadual
Cicero fernandês torres Cuê botou
o pariconha para a Categoria
dê dêstrito dê Agua branca.

- **Anexo 12:** Emancipação de Pariconha;

no 116

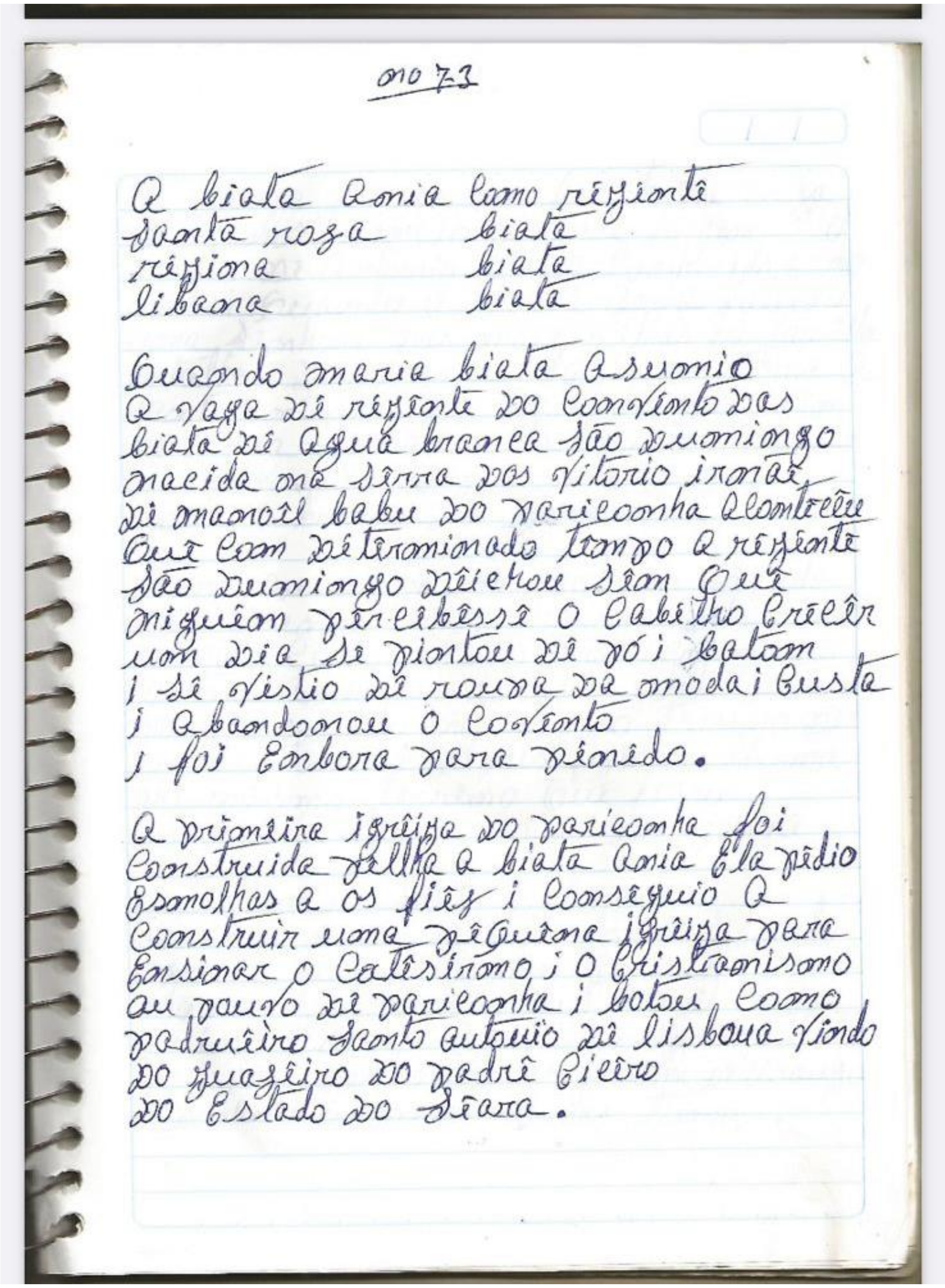
Quando Chegaram no palacio dos martilhes o presidente da Siombreia Junto Com o grupo Enteresado na Emancipação politica do pariconha José Humberto Vilhar Torres Entregou todo prosseso i documentação da Emancipação politica de pariconha au governador Geraldo bulhaões.

no dia 7 de Abril de 1992.
sete di Abril de mil i novisentos i noventa i dois
José Correia de Sousa foi aprossado Como o primeiro prefeito do pariconha Com o prauso de des 10, meses Como tambem neste mesmo dia foi passado pariconha a Cidade i seu territorio se desmembrando do municipio de Agua Branca.

foi assinado pelho o governador Geraldo bulhaões a Emancipação politica i nuomiação do prefeito do pariconha o Senhor José Correia de Sousa Em 7 de Abril de 1992.
sete di Abril de mil i novisentos i noventa i dois

pariconha so faltava uma oportunidade para ser Cidade i Esta oportunidade foi dada i Agora E Cidade,

- **Anexo 13:** Primeira igreja construída, Santo Antônio de Lisboa;



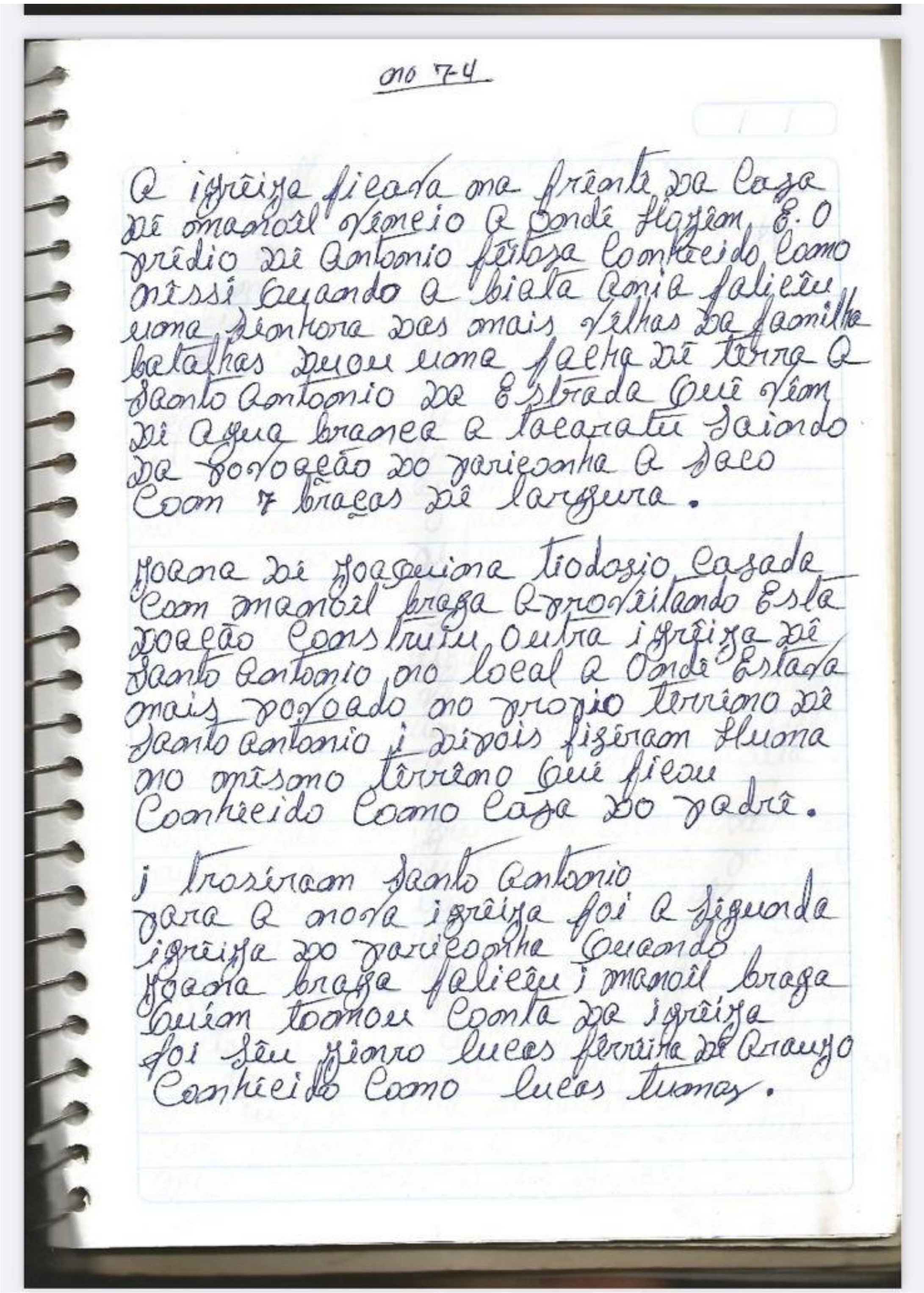
ano 73

A biata Ronia como rêjjente
santa roza biata
rêjjiona biata
libana biata

Quando maria biata Asumio
A vaga dê rêjjente do Convento das
biata dê Agua branca são duomingo
nacida na serra dos vitorio irmãe
dê manoel babu do pariconha acontêceu
Que com dêterminado tempo a rêjjente
são duomingo dêichou sem Que
niguem pêrcebêssê o Cabelo crêcêr
um dia se pintou dê pó i batom
i sê vestio dê roupa da moda i Custa
i abandonou o Convento
i foi Embora para pênêdo.

A primeira igrêija do pariconha foi
Construida pêlla a biata Ronia Ela pêdio
Esmolhas a os fiês i Consêguio a
Construir uma pêquena igrêija para
Ensinar o Catêsismo i o Cristianismo
au povo dê pariconha i botou Como
padruêiro Santo antonio dê lisboua vindo
do juazêiro do padrê Cicero
do Estado do Ceara.

- **Anexo 14:** Ampliação da igreja de Santo Antônio;



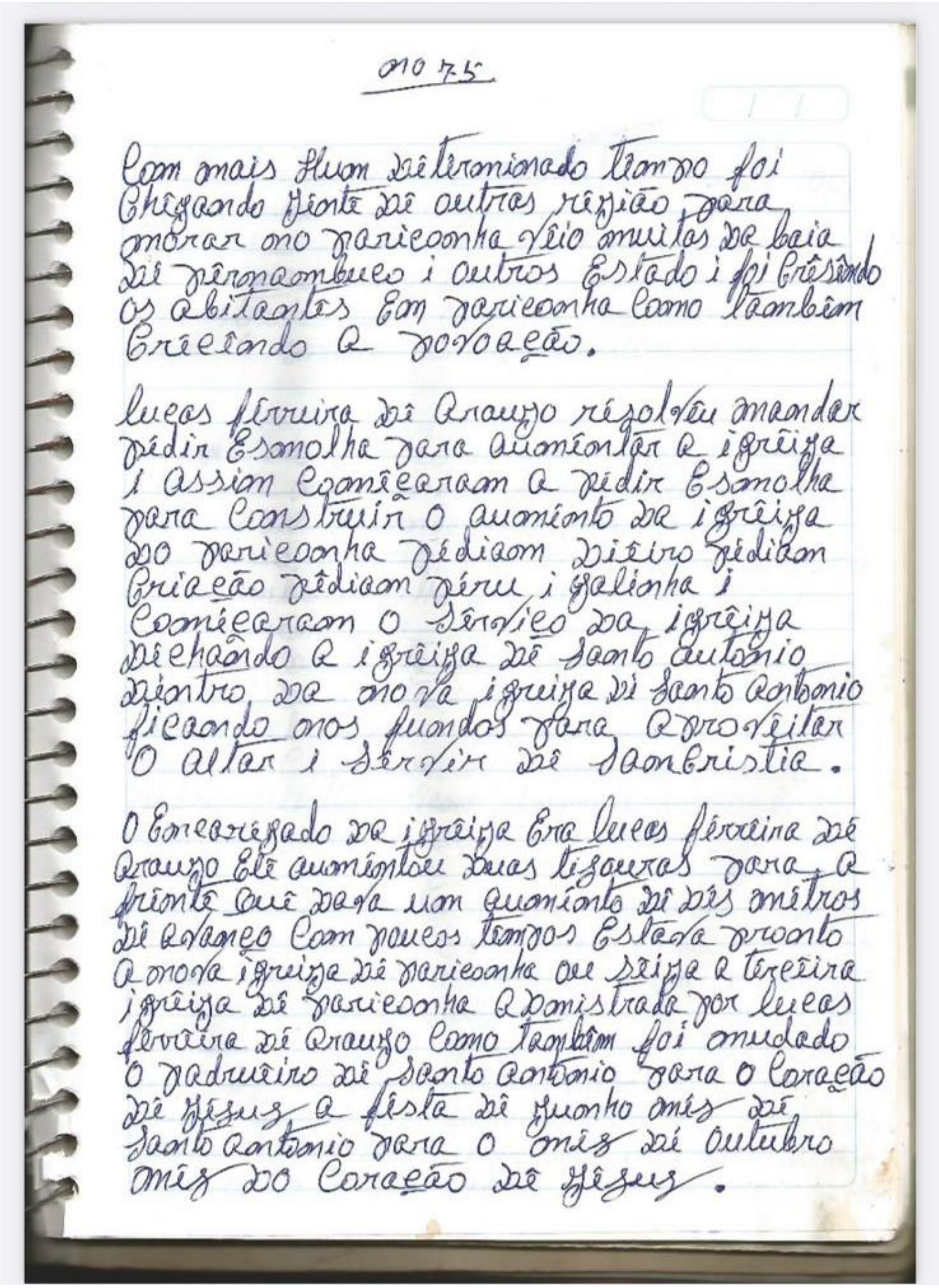
ano 74

A igrêija ficada na frênte da Casa dê manoel venceio A onde ficavam. E. O prêdio dê Antonio feitosa Conhecido como missi quando A viata Ania falleçeu uma senhora das mais velhas da familha batalhas deu uma facha dê terra A Santo Antonio da Estrada Que vêm dê Agua branca A tacaratu Saindo da povoação do pariconha A saco Com 7 braças dê largura.

Joana dê Joaquina tiodosio casada Com manoel braga Aproveitando Esta doação Construiu outra igrêija dê Santo Antonio no local A Onde Estava mais povoado no propio terrêno dê Santo Antonio i depois fizêram Uma no mêsmo têrrêno Que ficou Conhecido Como Casa do padrê.

i trouxeram Santo Antonio para A nova igrêija foi A sêgunda igrêija do pariconha Quando Joana braga falleçeu i manoel braga Quem tomou Conta da igrêija foi sêu genro lucas ferreira de Araujo Conhecido Como lucas tomas.

- **Anexo 15:** Mudança do padroeiro para o Sagrado Coração de Jesus;



mo 75.

Com mais Huom dêterminado tempo foi Chêgando gente dê outros rêgião para morar no paricoonha vêio muitos da baia dê pêrnaombuco i outros Estado i foi Crêsêndo os abitaantes Em paricoonha Como taambêm Crêcêndo a povoação.

lucas férreira dê Araujo rêsolvêu mandar pêdir Esmolha para aumêntar a igrêija i assim Comêçaram a pêdir Esmolha para Construir o aumênto da igrêija do paricoonha pêdiam dinhêiro pêdiam Criação pêdiam pêru i galinha i Começaram o Sêrviço da igrêija dêchaando a igrêija dê Santo Antonio dêntro da nova igreija di Santo Antonio ficando nos fundos para aprovêitar o altar i Sêrvir dê Sancristia.

O Encarregado da igrêija Era lucas férreira dê Araujo Elê aumêntou duas tisouras para a frênte quê dava um aumênto dê dês mêtros dê avanço Com poucos tempos Estava pronto a nova igreija dê paricoonha ou sêija a tercêira igrêija dê paricoonha administrada por lucas ferrêira dê Araujo Como tambêm foi mudado o padruêiro dê Santo Antonio para o Coração dê Jêsus a fêsta dê junho mês dê Santo Antonio para o mês dê Outubro mês do Coração dê Jêsus.

8 REFERÊNCIAS

CORIOLANO, L. N. M. T. **O real e o imaginário nos espaços turísticos**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CARVALHO, J. R. de. **Território da religiosidade: fé, mobilidade e símbolos na construção do espaço sagrado da Romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema, Tocantins**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2014.

CORRÊA, R. L. **Espaço, um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. GEOgraphia, Rio de Janeiro, v. IX, n. 17. [2007].

CORRÊA, R. L. **A dimensão cultural do espaço: Alguns temas**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-22, out. 1995. Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3479 >. Acesso em: 15 jan. 2023.

FILHO, S. F. G. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

FUINI, L. L. **O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações**. Geografia, Ensino & Pesquisa, v. 21, n. 1, p. 19-29, 2017.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE. **Cidades: Pariconha**. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pariconha/panorama >. Acesso em: 12 set. 2023.

LEMOS, A. I. G. de. Geografia da modernidade e geografia da pós-modernidade. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, *[S. l.]*, v. 3, n. 1, p. 27-39, 1999.

LIMA, Maria José Filha. **Entrevistada por**: Cleber Júnior Barboza Alves em 21 de janeiro de 2023. In: Acervo pessoal Cleber Júnior Barboza Alves.

MARCONI, M. de A.; PESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. 7. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

NARCISO, C. A. F**. Espaço público: ação política e práticas de apropriação**. Conceito e procedências. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 265-291, 2º semestre de 2009. Disponível em: < http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a02.pdf >. Acesso em: 04 ago. 2023.

NIGRO, Cíntia. **As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia**. In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. da S. (Orgs.). Geografia, turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Annablume, 2010.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Introdução à Geografia Cultural. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ROSENDAHL, Z. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. **O Espaço e a Religião: uma Abordagem Geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROSENDAHL, Z. **Uma procissão na Geografia.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

SANTOS, Antônio Félix dos. **Escritos de Antônio de Branca**. Pariconha-AL [s.d.]. Acesso em 06 de agosto de 2023. In: Acervo privado familiar.

SANTOS**,** I. J. dos**. Identidade territorial e ensino de geografia no povoado Jardim Cordeiro, Delmiro Gouveia-AL**. Monografia (Licenciatura plena em Geografia) - Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão Delmiro Gouveia- AL, 2015.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território.** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVA, Hosano Euclides da. **Entrevistado por:** Cleber Júnior Barboza Alves em 13 de fevereiro de 2023 In: acervo pessoal Cleber Júnior Barboza Alves.

SILVA, K. C. da. **Lições de Geografia Urbana: reflexões sobre usos sociais do espaço público em Delmiro Gouveia**. 1ª ed.- Delmiro Gouveia: Agbook; Clube de Autores, 2020.

SILVA, M. G. da. **LUGARES DE MEMÓRIA: Uma análise sobre a história e a denominação das ruas da cidade de Pariconha**. Artigo Monográfico (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

SILVA, R. L. da. **Espaço público e lazer em Delmiro Gouveia-AL: um olhar geográfico para o ensino de geografia**. Monografia (Licenciatura plena em Geografia) - Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão Delmiro Gouveia- AL, 2014.

ZIPPINOTTI, D. P. **As formas simbólicas espaciais e a dinâmica da centralidade em Vitória: um esforço de análise**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2014.